

700902

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 14062
Data 14 / 09 / 2009
() Compra (x) Doação () Permuta

Biblioteca - Unemat - PLA



00014062

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

O REINO DO ERA UMA VEZ EM MATO GROSSO

EDIVÂNIA DE MORAES

Pontes e Lacerda-MT

2009-1

82.09
M8272
22.06

EDIVÂNIA DE MORAES

O REINO DO ERA UMA VEZ EM MATO GROSSO

Monografia apresentada ao Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do grau de graduada em Letras: Língua Portuguesa, Inglesa e respectivas literaturas.

Orientador: Epaminondas de Matos Magalhães

Pontes e Lacerda-MT

2009-1

Ensaio monográfico apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

Prof. Epaminondas de Matos Magalhães - Orientador

Profª Larissa Aparecida Santos Claro - UFMT

Profª Drª. Rosely Aparecida Romanelli - UNEMAT

DEDICATÓRIA

À meu filho Rafael Henrique, que soube compreender minhas ausências, ainda que ansioso, aguardava todos dias às horas de minha chegada. Também á minha família, em especial, minha mãe Conceição, minha avó Odócia e minha tia Vitalina, que se preocupavam, acreditavam e acima de tudo, me incentivavam, para que um dia eu pudesse chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Esta conclusão não foi uma tarefa solitária. Foram muitas as contribuições para que este sonho chegasse ao fim. Agradeço a todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente, em especial;

A Deus, por me conceder sabedoria e força para lutar e seguir em frente, rompendo as barreiras que me foram submetidas ao longo desta caminhada.

Aos meus familiares que de uma maneira e outra, construíram degraus para que eu continuasse a subir e conquistar meus objetivos; bem como meu irmão Adilson, minha cunhada Nadir, meu padrasto Clever, minha irmã Joyce e todos que sempre estiveram ao meu lado.

E assim, não poderia deixar de agradecer aos meus amigos Romes, Valéria e Maraiza, os quais não mediram esforços em me ajudar nos momentos mais precisos de minha vida acadêmica, e além de tudo me proporcionaram alegrias e entusiasmos nas horas mais frustrantes que havia na academia.

Ao Lima e o Juscilei, meus caros companheiros de trabalho que também participaram desta caminhada, me auxiliando, de modo que não se esquivaram em momento algum de me ajudar quando precisava.

Deixo ao fim meus agradecimentos ao meu orientador (Epaminondas de Matos Magalhães), não por ser o último de minha escala, pois todos aqui estão dentro de uma só escala, mas por reservar um maior espaço em que possa expressar grandemente minha gratidão, por ter se dedicado à minha orientação, atendido aos meus anseios, sanado as minhas dúvidas e inseguranças, não só neste último trabalho, mas no decorrer de todo o curso.

Ainda expresso aqui minhas admirações por este tão jovem, dedicado e inteligente professor, o qual podemos perceber em seu trabalho, o prazer que sente em realizá-lo. É como diz Cora Carolina;

“Feliz daquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”

Obrigada a todos, vocês são essências em minha vida!!!

Da terra nascem os homens;

Cada pessoa, em sua existência, pode ter duas atitudes:

Construir ou Plantar.

Os construtores podem demorar anos sem suas tarefas, mas um dia terminam aquilo que estavam fazendo. Então param, e ficam limitados por suas próprias paredes. A vida perde o sentido quando a construção acaba. Mas existem os que plantam. Estes as vezes sofrem com as tempestades, as estações, e raramente descansam. Mas, ao contrário de um edifício, o jardim jamais para de crescer. E, ao mesmo tempo que exige a atenção do jardineiro, também permite que, para ele, a vida seja uma grande aventura.

Os jardineiros se reconhecerão entre si – porque sabem que na história de cada planta estão o crescimento de toda a

TERRA.

(Paulo Coelho)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	
Autor, Público e Obra : Poder, Legitimação e Autonomia	10
1 – O escritor e o Público: Relações de Legitimidade	14
1.2 – O Campo Literário Infantil em Mato Grosso: Para Uma História da Literatura Infantil	16
1.3 – O Campo Literário Infantil em Mato Grosso	17
CAPÍTULO II	
A Escritura Imagética de Ivens Scaff	19
CAPÍTULO II	
A Escrita Infantil em Lucinda Persona	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
ANEXO I	32
ANEXO II	33

RESUMO

Ao analisarmos uma obra literária partindo do pressuposto da realidade social devemos levar em conta três pontos de análise, seguindo a perspectiva de Pierre Bourdieu(2004): a posição do campo literário enquanto movimento de poder e sua historicidade; a análise das estruturas internas no campo literário, e a busca dos autores pela legitimação e enfim dos sistemas produzidos dentro do percurso social de acordo com as propostas ou exigências deste campo literário.

Os autores, Ivens Scaff e Lucinda Persona(alguns da literatura infantil em Mato Grosso), foram suscitados devido a sua presença sólida no campo da literatura infantil em Mato Grosso. Levando o desenvolvimento desta literatura em Mato Grosso, um outro ponto surge para ser pensado: como são representadas as realidades sociais da região nas obras infantis em Mato Grosso? E como é feita a construção do regional dentro desta literatura?

Ao mencionarmos o aspecto regionalista nas obras infantis em Mato Grosso, em especial as de Ivens Scaff, na reescritura da literatura clássica voltada para a realidade mato-grossense, Pierre Bourdieu(2004) afirma que o conceito de regional é uma propriedade simbólica, que é utilizada pelo autor dentro de interesses materiais e simbólicos destes.

Palavras - chave: espaço, cultura, infância em Mato Grosso

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se pauta em uma produção analítica acerca da configuração da literatura infantil em Mato Grosso, bem como o desenrolar de algumas características que norteiam as obras literárias infantis dos mais renomados autores desta literatura no estado de Mato Grosso, a fim averiguarmos como se sustenta esse sistema literário infantil neste estado. Em face, comporão o corpo desta pesquisa, relatos da vida do poeta e contista Ivens Cuiabano Scaff, bem como uma análise de sua obra literária infantil denominada *Uma Maneira Simples de Voar*. A história se constitui literalmente de traços da cultura regional mato-grossense, ao passo que o autor propõe em resgatar essa cultura e reconstituí-la à atualidade cuiabana, principalmente para compor o quadro intelectual do ser infantil, tendo em vista que sua obra além de regionalista é fabulosa, pois é justamente para esse público infantil que Scaff escreve com a real preocupação de engendrar uma literatura infantil em Mato Grosso, enfocando a importância de se preservar a cultura mato-grossense.

Citamos também a poeta e contista Lucinda Nogueira Persona, a qual integra o campo literário mato-grossense, suas escritas versam tanto o público infantil quanto o público adulto, pois possui diversos poemas para adulto e contos dirigidos à literatura infanto-juvenil, ao qual abordaremos nesta pesquisa. Entretanto nos limitaremos em analisar um dos seus contos infantis mais conhecidos, que se intitula em *Ele era de OUTRO MUNDO*, que se trata de uma narrativa inspirada em suas visões de infância, pois relata Persona, que quando criança viu elementos luminosos no céu, como se fossem vestígios de extraterrestres, baseados nesta lembrança a autora produz o conto caracteristicamente lúdico, mágico e fabuloso, ao passo que transporta o "leitor infantil" do mundo real ao mundo encantado e imaginário, cheio de poderes para-normais, e é por este mesmo mundo mágico, encantado que a autora introduz o leitor à sua realidade atual, despertando no, certa criticidade quanto às coisas que o mundo ou a vida lhes oferece, ao passo que saiba agir de maneira coerente em diversas situações que poderão deparar-se no decorrer de sua vida.

Esta pesquisa encontra-se dividida em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado Autor, público e obra: poder, legitimação e autonomia. Neste capítulo

discutimos algumas balizas teóricas que nortearão os demais capítulos: sistema e manifestação literária, campo literário, poder e legitimação. Sendo estas as balizas centrais de todo nosso trabalho, pois assim, é que nos guiaremos a guisa de conclusão.

O segundo capítulo, *A Escritura imagética de Ivens Scaff*, como já comentamos acima, abarca em uma análise de uma de suas obras infantis, o qual enaltece o campo literário infantil mato-grossense, recriando a cultura cuiabana, de modo que o leitor infantil tome ciência de como é importante preservar esta cultura.

O terceiro capítulo, *A Escritura infantil em Lucinda Persona*, é contemplado pelos relatos da vida da poeta, bem como uma análise de um de seus contos intitulado: *Ele era de OUTRO MUNDO*, que possui em seu enredo brincadeiras de criança, fantasias, e uma dose de conselhos, que segue de encontro com fatos que norteiam a realidade infantil.

Em suma, para chegarmos até estas análises e considerações finais, embasamos em alguns autores como: Pierre Bourdieu (2002), o qual propomos discutir o que ele aponta como poder e legitimidade. Contamos também com autor Antonio Candido (2000), que discute os envolvimento do espaço cultural em que se encontra o autor, bem como a influência que esse espaço produz em suas escritas, como podemos constatar na obra em que analisamos do autor Ivens Cuiabano Scaff, tendo em vista que suas escritas são inteiramente influenciadas pelo espaço sócio-cultural em que o autor está inserido.

Percorremos esta pesquisa, pautada em indagações acerca da existência de uma literatura voltada para o público infantil mato-grossense. No entanto diante das elucidações explanadas acima, podemos afirmar que há autores legitimados, que se preocupa em produzir literatura infantil neste estado, para tanto, estes autores foram legitimados pelo público, isto é, o público consolida a autoria através do consumo da obra pelos tais.

Visto por este prisma, podemos afirmar que há Literatura Infantil em Mato Grosso, tendo em vista que o campo literário se constitui em Autor, Obra e Público, e como afirma Candido, é sobre este tripé que a própria literária passa a existir.

I- AUTOR, PÚBLICO E OBRA: PODER, LEGITIMAÇÃO E AUTONOMIA

A presente pesquisa visa estudar a configuração do campo literário infantil em Mato Grosso, discutindo as balizas teóricas acerca de autor, autoria, sistema e manifestação literária, a fim de construirmos as tópicos acerca da constituição da literatura infantil em Mato Grosso, elegendo como corpus deste estudo Lucinda Nogueira Persona e Ivens Cuiabano Scaff, bem como suas obras infantis, esses autores serão abordados de maneira clara no decorrer deste texto.

Embrenharmos-nos pelas definições acima mencionadas é incorrerem em certos riscos, principalmente quando tratamos da literatura produzida em Mato Grosso. Algumas questões se tornam o norte de nossas indagações: existe manifestação ou sistema literário em Mato Grosso? O que é caracterizado como Literatura Mato-Grossense? Como se configura o campo literário infantil em Mato Grosso?

Seguindo estas indagações basta-nos nesta pesquisa responde-las, a fim de averiguarmos como se sedimenta a literatura produzida em nosso estado. Antonio Cândido (1997) aponta a diferença entre manifestação literária e sistema literário. Ao primeiro o autor aborda que não há tensão, nem comunicabilidade entre as obras produzidas em um determinado momento, ou seja, não há um sentimento unificador entre as obras, em contrapartida um sistema literário é aquele em que as obras se comunicam, sofrem tensões.

Para que haja um sistema literário Candido afirma ser necessário a presença de certos elementos, autor, obra e público, sendo que é sobre este tripé que a própria literária passa a existir. Mas o próprio autor adverte para o fato de que esses elementos precisam estar concatenados e deve haver uma consciência do processo de escrita e da própria função de autor. É importante mencionarmos que essa rede autor e público devem ocorrer dentro de um campo literário, que é definido por Pierre Bourdieu (2002) como conscientes de seu papel social.

Esse tripé definido por Antonio Candido existe em um espaço social que engloba diferentes grupos de literatos, romancistas e poetas e que este espaço também se configura como espaço de poder. Este universo aparentemente

anárquico e de bom grado libertário [...] é o lugar de uma espécie de balé bem ordenado no qual os indivíduos e os grupos desenham suas figuras. (Bourdieu, 2002, p. 133)

O próprio tripé defendido por Cândido (autor, obra e público) se atrela a outras relações de poder e espaço que dão contornos múltiplos a obra.

Candido (2000) a arte é criada por um indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se nele (p. 25). O que Candido nos chama a atenção neste primeiro momento na posição do autor, ou seja, do criador, que está intimamente ligado ao meio. Por sua vez a configuração da obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam sua posição (p. 30) e, por fim Cândido aborda a questão do público como também condicionado aos fatores do meio em que vive sofrendo dessas diversas variações.

Neste sentido Cândido (2003: 163) afirma que:

A criação literária traz como condição necessária uma carga de liberdade que a torna independente sob muitos aspectos, de tal maneira que a explicação dos seus produtos é encontrada sobretudo neles mesmos. Como conjunto de obras de arte a literatura se caracteriza por essa liberdade extraordinária que transcende as nossas servidões. Mas na medida em que é um sistema de produtos que são também instrumentos de comunicação entre os homens, possui tantas ligações com a vida social que vale a pena estudar a correspondência e a interação entre ambas. (...) pois a ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências do meio se incorporam à estrutura da obra – de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais para se tornarem a substância do ato criador.

Portanto, o espaço e as relações sócio-histórico-culturais ora influenciam, ora imperam sobre as produções de um determinado escritor e conseqüentemente de um determinado grupo. Maingueneau (2001:44):

A literatura, como configuração institucional condiciona os comportamentos, mas, para criar o escritor deve explorar esse condicionamento e interferir nele. As obras emergem em percursos biográficos singulares, porém esses percursos definem e pressupõe um estado determinado do campo. (...) O importante é a **maneira particular como o escritor se relaciona com as condições de exercício da literatura de sua época.** (grifo do autor)

É impossível que em todo o ato criador o escritor se separe do espaço social no qual se encontra inserido, tendo em vista que todos os fatores que o cercam

influenciam em sua tessitura literária. Os aspectos do espaço-tempo do autor acabam adentrando o espaço da narrativa literária. Quando nos referimos a espaço-tempo não queremos dizer que esse espaço tempo seja especificamente o espaço físico, mas pode também ser o espaço do entre lugar. Maingueneau afirma também que todo o espaço-tempo não é estável e não existe neutralidade quando lidado com autor, autoria e contexto de criação literária.

[o escritor] alimenta sua obra com o caráter radicalmente problemático de sua própria pertinência ao campo literário e à sociedade. Não é uma espécie de centauro, uma parte do qual estaria imersa na gravidade social e outra, a mais nobre, voltada para as estrelas, mas alguém cuja enunciação se constitui através da própria impossibilidade de se designar um "lugar" verdadeiro. (grifo do autor) (Maingueneau, 2001:26)

Ao lidarmos com campo literário e autor devemos também adentrar ao espaço de legitimação da obra e do autor pelo público e, quem certamente constitui esse público.

Para uma maior discussão acerca do tema é preciso antes estabelecer algumas balizas teóricas acerca do que vem a ser literatura.

A obra literária é entendida por Barthes como uma criação que partilha com outras criações, a literatura possui um elemento que a define especificamente: "a linguagem". (1970:41)

A literatura é uma arte que se expressa através da palavra e como tal utiliza-se da linguagem. Portanto, compreender a literatura é entender que esta expressão não é objetiva e nem imutável. A literatura esteve a favor de inúmeros projetos, entre eles o projeto identitário e como instituição de poder e da própria legitimação deste.

A literatura pertence aos bens que são considerados imateriais, uma vez que possui uma série de funções e conhecimentos, que ora refletem conflitos, ora tensões, etc.

Refletir sobre esse conteúdo imaterial que a literatura nos leva ao próprio substrato da literatura, o imaginário/ficcional. O discurso literário se dá na medida em que este rompe com o real, tendo em vista que a literatura não é um campo real-descriptivista.

As obras dos autores aqui elencados Lucinda Persona e Ivens Scaff se inserem nos pressupostos levantados por Barthes, tendo em vistas as funcionalidades da linguagem e a língua própria de cada autor. Pensamos que estes

autores trazem no bojo de sua escrita a linguagem regional. Não queremos aqui abordar que estes autores abordam em suas obras, somente a descrição dos elementos regionais.

Antonio Candido salienta que até pouco tempo existia dois modos de se estudar a obra literária, aquele pautado na biografia do autor, buscando na obra elementos que se filiavam a biografia daquele que a produziu, e o segundo em um intento puro e estilisticamente. Ambos as formas falharam, dado que não abarcavam a configuração do texto literário.

Candido faz uma proposta para um terceiro modo de análise, aquele pautado em como os fatores socioculturais influenciam no processo de criação, através de um jogo dialético entre autor e público.

Em face, podemos afirmar que a obra precede de fatos que circundam o meio sociocultural em que seu autor está inserido, relatando de forma historicamente lúdica, romântica ou realista, ao passo que se constitui de um mundo imaginário e ficcional, fatos de uma determinada época ou acontecimento marcante, focalizando principalmente uma “estrutura social, valores e ideologia”, que para Candido, são fatores de influências socioculturais. Para tanto são contemplados e sancionados pelo público, tendo em vista que é também por este que se dá legitimação do autor, através do consumo das obras.

Além do público, há outras formas de se legitimar o autor/obra, em diferentes instancias de poder, assim como as Academias, Universidades ou por meio de influências tidas pelo próprio autor. Essa legitimação implica em uma licença para que o autor possa se expressar como parte de uma classe. No caso da aceitação tida nas Academias, ela se consolida através da legitimação - de um especialista que, por sua vez, terá sido legitimado por outro especialista ou por um conjunto de pessoas que, por alguma razão, possam dar seu aval. O reconhecimento feito pelo público se dá de modo que este vislumbre os aspectos contidos na obra, bem como o prazer que essa leitura lhes oferece. Haja vista, que estes autores reconhecidos pelo público, podem não concorrer às Academias por sua literariedade ou por sua influência em outros campos de poder, mas que conquistaram seu lugar na academia por alcançarem o público como nem sempre os “literatos” conseguem.

Há também, a legitimação de pessoas que se inscrevem em outros campos distintos de qualquer literariedade, mas que a academia é levada a reconhecê-la pela influência que ela exerce na sociedade bem como os campos; político,

econômico, cultural, que corresponde à classe dos políticos, assim como outros autores que de certa forma possui um patamar elevado.

Pensarmos nos espaços de legitimação em Mato Grosso, especificamente nos leva à dois espaços, a Academia Mato-Grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Esses espaços primeiramente não originaram de forma espontânea, mas foram fruto de discussões, tensões e impasses. E se constituem como centros de referência da literatura e cultura produzida em Mato Grosso.

Como já mencionamos, para que haja um sistema literário é necessário as tensões entre as obras. É neste sentido que as academias e demais associações contribuíram significativamente para efetivação de um sistema literário em Mato Grosso.

1.1- O ESCRITOR E O PÚBLICO: RELAÇÕES DE LEGITIMIDADE

Pierre Bourdieu (2004) afirma que todo autor deve ser legitimado por algo ou alguém e, em primeira instância Bourdieu afirma que a aceitabilidade de um autor, em início de carreira, se assim podemos emprestar o termo, deve ser feita por alguém que já burilou o próprio campo literário e galgou aceitabilidade também nos meios econômicos e políticos. Neste sentido a legitimidade passa primeiramente pelo reconhecimento de um autor já reconhecido por este campo literário estabelecido ou em formação.

O autor que legitima outro autor assina e avalia a obra e dá a esta, certo crédito para que haja publicação e reconhecimento pelo público, bem como sua leitura e divulgação. Ou seja, o autor confirma o valor da obra, sela com seu aval o produto objeto de sua avaliação. Vejamos o que nos diz Pierre Bourdieu (1994):

Para dar uma idéia do trabalho coletivo de que ela [a consagração] é o produto, seria preciso reconstituir a circulação dos incontáveis autos de crédito que se trocam entre os agentes envolvidos no campo artístico, entre os artistas, evidentemente com as exposições de grupo ou os prefácios pelos quais os autores consagrados consagram os mais jovens que os consagram em troca como mestres ou chefes de escola, entre os artistas e os mecenas ou os colecionadores, os artistas e os críticos, e, em particular, os críticos de vanguarda que se consagram obtendo a consagração dos artistas

que defendem ou operando redescobertas ou reavaliações de artistas menores nos quais empenham e põe à prova seu poder de consagração e assim por diante. (2004, p. 260)

Em Mato Grosso a Academia Mato-Grossense de Letras, até meados do século XX, sofre as influências políticas, econômicas e eclesiásticas, no intuito de manter o *status* quanto, de seus representantes, bem como representar a elite desse Estado.

A que se considerar que a vida intelectual do Estado de Mato Grosso, se restringia tão somente a Cuiabá, as cidade interioranas não sofriam a efervescência política e cultural da capital do Estado. Portanto, a legitimidade do autor também restringia somente a Cuiabá, fator ainda muito presente, dado aos problemas de divulgação da literatura produzida em Mato Grosso.

A temática que envolve a escritura literária, que acaba repercutindo em toda a literatura mato-grossense, termo este ainda muito insólido, mas que é definido por LEITE (2005) como autores que nasceram, produziram ou produzem em Mato Grosso, focam-se nos aspectos regionais. Criam personagens tipicamente mato-grossenses, com suas diversas representações.

Segundo Dutra Magalhães (2001:313)

(...)podemos afirmar que a literatura mato-grossense nasce sob os auspícios do compromisso com os aspectos regionais e, com o tempo, amplia seu leque de interesses, passando a operacionalizar não apenas os elementos de natureza regional, mas também universais, seja em termos conteudísticos, como se verifica na poesia de Marilza Ribeiro, Manoel de Barros e na prosa de Ricardo Guilherme Dicke, seja em termos estruturais, como se observa nas obras de Wladimir Dias Pino e Silva Freire.

Ao tratar do regional devemos tomar algumas precauções, tendo em vista que o regional é entendido por muitos como simples localismo, bairrismo. Mas como afirma Coutinho (2001), o regionalismo burila esta noção e lança-se frente a essência do meio não como mera descrição geográfica.

Retornando a abrangência de legitimidade do autor em Mato Grosso, temos que este fato ainda é deficiente, uma vez que a partir da década de 80 do século XX, com a fundação da Universidade Federal de Mato Grosso, Universidade Estadual de Mato Grosso é que a crítica e a legitimação da autoria mato-grossense começam a ganhar destaque.

Com a abertura em 2003 do Mestrado em Estudos da Linguagem, pela Universidade do Estado de Mato Grosso, a crítica literária em Mato Grosso, de obras produzidas neste Estado, passa a ocupar um lugar de destaque.

1.2 -O CAMPO LITERÁRIO INFANTIL EM MATO GROSSO: PARA UMA HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil brasileira surgiu no fim do século XIX, simultaneamente a abolição da escravidão e o advento da República, de modo que o país tomava rumo à modernização, por consequência de uma visão de expansão da economia brasileira, produzida pela importação do café. Daí a necessidade de se pensar a escrita para o público infantil, com um propósito didático, a fim de educar a criança para lidar com as novas situações que a cercavam.

Entretanto, com as mudanças e novas situações estruturais, com a extinção do trabalho escravo, a inserção de imigrantes, populações diversas e a difícil estruturação administrativa, se desencadeia uma proposta de campanha de alfabetização lideradas na época, por intelectuais, políticos e educadores, dando início a um novo público consumidor de livros infantis e escolares, como salientam as autoras Regina Zilberman e Mariza Lajolo (1986, p.15)

Em meio às mudanças no quadro econômico do país, dá-se início a uma trajetória significativa de buscas com relação ao aprimoramento intelectual da população, evidenciando assim o enfoque capitalista. Viabilizando o competitivo mercado de trabalho é que surge a preocupação em princípio pela burguesia, de preparar seus filhos para que sejam competentes profissionais no futuro, tendo em vista que isso se dá através da educação. A literatura para criança se torna um importante aliado da escola, pois os livros infantis são tidos como auxílio pedagógico contribuindo na formação dos indivíduos que farão parte das classes dominantes do futuro. Sendo assim a Literatura Infantil surge como uma alternativa para o desenvolvimento da criança, transformando-o em pequeno cidadão, agindo no sentido de solidificar valores capitalistas situando como um agente doutrinário.

Segundo Zilberman e Lajolo (1986: 17), o gênero infantil brasileiro adota um caráter conservador, alicerçado nos modelos europeus. Os materiais infantis

provinham da Europa, sendo eles adaptados e traduzidos, de forma que a linguagem tinha bons resultados em meio ao ensino literário junto às crianças.

Esse gênero utiliza-se de diversos tipos de textos, como: contos de fada, lendas, mitos, cantigas, que atraem as crianças por seu contexto mágico, imaginário, fantástico. Geralmente esses gêneros são revestidos de posturas pedagógicas voltadas para um manual de conduta. Nos dias atuais, os livros adequados para crianças devem ser vistos por outro prisma, isto é, uma literatura de caráter educativo libertador, servindo de base estrutural da educação infantil.

A partir da década de 1920, começam a surgir autores brasileiros preocupados com a constituição de uma literatura voltada para a formação de uma identidade nacional.

Monteiro Lobato foi um dos primeiros autores da Literatura Infantil brasileira, com enfoque representativo do povo brasileiro, escreveu o conto *A menina do Nariz Arrebitado*, livro didático que antecede vários outros, mostrando de “maneira críticas” temas da realidade social.

Com o desenvolvimento da Literatura Infantil, expande também numerosos e distintos autores, tendo em vista, ser um comércio em crescimento considerável, consequentemente podemos observar a existência de alguns textos irrelevantes, produzidos somente para comercialização, como também há várias obras com características relevantemente críticas e criativas, que contribuem para a formação do senso crítico do leitor.

Assim, vemos a importância do ensino de literatura para a criança, pois é ela o alicerce para a constituição de um cidadão autêntico, inovador, pautados em princípios que regem o progresso de sua nação.

1.3 - O CAMPO LITERÁRIO INFANTIL EM MATO GROSSO

Pensar em Literatura infantil em Mato Grosso, nos leva a uma série de questionamentos já apontados neste capítulo, acerca da existência ou não de um sistema literário em Mato Grosso e, de que forma a literatura infantil se embrenha a esse sistema.

É inegável a existência de Literatura Infantil em Mato Grosso, mas é preciso definirmos quando essa modalidade desponta em Mato Grosso. É sabido que a

Literatura em Mato Grosso, enquanto produção, data o início do século XIX, e consequentemente a Literatura Infantil nasce tardiamente.

Os escritores mato-grossenses começam a pensar em Literatura para o público infantil, somente a partir da década de 50 do século XX, e neste sentido é necessário destacarmos dois grandes nomes, Lucinda Persona e Ivens Scaff, que serão neste trabalho nosso objeto de estudo.

A literatura infantil em Mato Grosso nasce não mais com o caráter didático-pedagógico tão somente, nem é pensada para um nível "x" de escolarização, mas nasce com o propósito de valorizar, mostrar essa cultura tão própria com esses elementos e aspectos.

O campo literário infantil em Mato Grosso se configura como tal, por possuir os elementos que dão a este seu caráter mais marcante: autor e público. Como em qualquer lugar do país há público infantil, contudo a literatura infantil em Mato Grosso não se destina a esse público e nem adota o caráter de literatura para menor ou mesmo literatura menor. É de certa forma uma literatura com certos aspectos voltada para todos os públicos, mas há elementos que englobam principalmente o universo ficcional infantil.

Pensarmos em Literatura Infantil em Mato Grosso nos leva a uma grande problemática, legitimação desta literatura. É impossível dizermos que este campo encontra-se legitimado pela crítica e pelo público. Não negamos a existência de público, negamos a legitimidade dos autores da Literatura Infantil em Mato Grosso por seu público, tendo em vista que temos ainda, incipiência de editores e de divulgação destas obras.

Os autores, com as Academias e Universidades passaram a ser legitimados pela crítica, mas ainda é necessário um número maior de estudos na busca de valorizar e elevar essa literatura.

II – A ESCRITURA IMAGÉTICA DE IVENS SCAFF

O segredo da vida
é que existem sempre
muitos caminhos...
(Ivens Scaff)

Esboçaremos neste capítulo, algumas caracterizações da obra de invenção de Ivens Cuiabano Scaff, a força imagética que engloba sua escritura, e o universo infantil reinventado em sua escritura.

Ivens Cuiabano Scaff é formado em medicina, pela Universidade do Rio de Janeiro, é mato-grossense, nascido na capital do Estado – Cuiabá. Suas obras envolvem significativamente o espaço sociocultural em que o autor está inserido, com o propósito de resgatar as origens de Cuiabá, e neste aspecto o regionalismo, não entendido simplesmente como descrição fiel da natureza, mas retirando desta a essência do homem e natureza.

Scaff se dedica a escrever principalmente ao público leitor infanto-juvenil, visto que não havia literatura voltada para esta área e ainda há poucas, no estado de Mato Grosso. Sua inspiração para escrever fluiu das leituras que fazia quando criança, enquanto penetrava no mundo fantástico das histórias infantis de Monteiro Lobato e Drummond, ele almejava que suas escritas chegassem ao mesmo prestígio das que lia.

O autor publicou várias obras, das quais algumas são contos e poemas voltados para o público adulto e outras são histórias infantis, como: *Mamãe, sonhei que era um menino de rua*, *O papagaio besteirente e a velha cabulosa*, *Quase-frito* e *Uma maneira simples de voar*, e os contos que não são voltados para o público infantil estão publicados no livro *Brincadeiras de fundo de quintal e Na margem esquerda do rio*. Suas poesias foram publicadas nas coletâneas *Panorama da atual literatura e cultura de Mato Grosso*, *A poesia em Mato Grosso* e *Fragments da alma mato-grossense*, Scaff também produziu a peça teatral *O menino órfão e o menino rei*, uma releitura de *O príncipe e o mendigo*, de Mark Twain e *O Rei Arthur e os cavaleiros da tábua redonda*, história tradicional inglesa, pertencente às novelas de cavalaria.

Scaff escreve com a missão de defender o regionalismo, trabalhando com este prisma em suas obras infanto-juvenis. Todo esse universo regional é reinventado, recriado, transpondo os limites do real para o mundo de imagens, mundo este fabuloso, em que os mitos são reatualizados e ressignificados.

Até certo tempo, a literatura Infanto-Juvenil era tratada como literatura para menor. Contudo o termo Infantil não quer dizer que seja uma literatura consumida apenas por um público específico - crianças, mas para leitores que se agradem com este tipo de literatura.

Segundo Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1999)

Neste sentido, o gênero dirigido à infância está no bojo dos processos que vêm marcando a sociedade contemporânea desde os primeiros sinais da implantação desta, permitindo-lhe indicar a modernidade do meio em que se expande. Tem características peculiares à produção industrial, a começar pelo fato de que todo livro é, de certa maneira, o modelo em miniatura da produção em série. E configura-se desde sua denominação – trata-se de uma literatura *para* – como criação visando a um mercado específico, cujas características precisa respeitar e mesmo motivar, sob pena de congestionar suas possibilidades de circulação e consumo.

Em suas escritas para crianças, Ivens Scaff segue uma estrutura tradicional, seguindo as normas que seriam estabelecidas e aceitadas socialmente. O poeta e contista, remete à suas obras, fatos que demarcaram a realidade, transformando o real em um mundo fantástico e imaginário sob a forma de ver que é própria das crianças. Como trata Bernd (2003:83)

(...) a história retém os fatos que correspondem, de algum modo, às exigências do momento e os preconceitos do vencedor. Libertando o saber intuitivo, manifesto aos mitos, nas tradições orais e nos ritos religiosos de uma comunidade, o escritor resgata fragmentos da história, secretada no inconsciente da comunidade, impossíveis de serem acessados de outro modo.

As obras de Scaff possuem fragmentos característicos do regionalismo, pois ele tenta retomar elementos da cultura mato-grossense, bem como seus ritos e tradições, mas ao fazer isso transpõe, transformando esses ritos e essas tradições em histórias que nos emaranham em suas teias, ao ponto que não conseguimos nos desvincular.

O autor de certa forma faz uma conexão entre esses elementos e o elemento fundamental da literatura infantil, envolvendo o lúdico, fantástico, figurativo e imaginário sem deixar de lado os pontos que por ele foram tidos como missão na literatura local.

Scaff usa das obras que lhe inspiravam quando criança, configurando-a no contexto mato-grossense, ele insere o mundo real ao mundo imaginário, fabuloso, fantástico. Como podemos ver em sua obra, *Uma maneira Simples de Voar, E chega no cerrado. Igual a todo cerrado. Tem angico. Tem lixeira. Coroa-de-frade. Mangava e piqui.* (p.6)

O autor retrata neste trecho, plantas típicas do cerrado mato-grossense, fazendo com que o leitor tome conhecimento do que há em nosso cerrado, e assim retomando elementos que compõe o regionalismo.

Você vai andando. Tem uma encruzilhada. Nem adianta dizer. Vai por aqui ou vai por ali. Porque logo adiante a estrada se divide de novo, e de novo. E de novo.

Vai ter hora que você vai achar que já passou por aquele caminho. Ou mesmo que está voltando. E pode até estar: Pois este é o cerrado dos caminhos que se cruzam. (Scaff. p.7)

A esse respeito, Leite (2005:223) observa:

O sentido geral [do discurso regionalista] é não apenas formatar-se ou configurar-se enquanto um discurso hegemônico, sobre si mesmo – a partir da eleição e criação de alguns aspectos e elementos – no interior de uma determinada comunidade, mas configurar e formatar a própria comunidade enquanto algo coeso, hegemônico e identificável para si mesmo, por um lado, e por outro, na diferença em relação ao outro, ou a outras comunidades.

Nesse percurso o autor recria o labirinto de Creta no Pantanal Mato-Grossense. Ao longo da obra, Scaff utiliza o cenário e os elementos contidos na nossa região, transformando-o em um mundo imaginário, fantástico e lúdico. *Agora. Claro que se você souber um segredo fica mais fácil. Acontece que o velho que mora no sítio gosta muito de banana frita.* Eis que o vestígio para o caminho certo até o sítio se assemelha ao Fio de Ariadne.

Os personagens Amis e Sia Frô, tem característica bastante evidentes das pessoas mais antiga da nossa região, visto que suas atitudes e seus conhecimentos

sobre a vida eram compostos na grande maioria das vezes de rituais, boa parte de suas histórias eram como lendas, assim como ouvimos ainda de alguns idosos, quando sentamos para conversar com eles. Podemos constatar isto quando Sia Frô e Andriel saem à procura do Velho Amis e a menina Ade, ao passo que ela utiliza o ritual da vela e a cuia, *Era o ritual para encontrar os corpos dos afogados que o rio não queria devolver.*

A velha foi até um pé de cabaça e procurou uma do jeito que precisava. Pegou também uma vela virgem entre os guardados de Amis.

Cortou a cabaça ao meio, fazendo uma cuia. Acendeu a vela. Pingou a cera derretida no fundo da cuia e firmou a vela.

Rezando uma reza baixinha, tão baixinha que nem dava pra entender, levou a cuia devagarinho para o rio. (Scaff p.50)

Entretanto, podemos observar que o autor demonstra constantemente o regionalismo afluído em sua obra, com o convicto propósito de recriar este valioso quadro da cultura mato-grossense. O autor ressalta também em sua obra, um dos mitos mais antigos e reconhecidos da capital, que é o mito do minhocão do Pari, Mãe D'água e Negrinho D'água. Scaff elucidou os mitos regionais em sua obra de maneira fabulosa, típica de historinhas infantis.

Em suma, no fim da obra os personagens Ade e Andriel de mãos dadas, saem do labirinto de maneira mágica, pois surgiu de um lugar não específico um boi azul cavalcando e tirou as crianças do cerrado dos caminhos que se cruzam, assim como as Asas de Dédalo e Ícaro.

Os personagens denominados "Amis" e "Ade", formam a palavra que retoma do mundo fantástico ao mundo real, visto que Scaff enaltece consistentemente em sua obra o vínculo da Amizade, tendo em vista que o desenrolar da história se constitui da amizade entre o menino Andriel a menina Ade o velho Amis e a velha Sia Flô.

Scaff procura escrever sobre fatos baseados na realidade que de certa forma envolve o seu emocional, como a história que escreveu sobre luto que ainda não publicou, ou a preocupação com a situação social das crianças sem lar, como escreveu em *Mamãe, sonhei que era um menino de rua*. Em *Quase frito*, ele nos remete à busca de identidade, como já o fizera Hans Christian Andersen em *O Patinho feio*.

Nos relatos tidos de sua vida profissional, médica e escritor, Scaff revela que não da pra escolher entre somente a autoria ou a medicina, pois escreve porque é de seu "instinto", porque gosta, porém, não pode deixar a medicina, pois também tem grandes compromissos nesta área, e que deste doloroso ofício adquire inspirações poéticas.

Scaff acredita que é mais conhecido por ser médico do que como escritor, pois não sabe quem são seus leitores enquanto classe ou categoria sabe somente que suas obras foram adotadas por uma escola.

O autor afirma ser legitimado como tal, por influência de sua profissão médica, e seu relacionamento com a mídia se dá pelas grandes amizades e pertencimento a uma família de renome.

Antonio Candido, na introdução que faz ao livro, *Intelectuais e classe dirigente no Brasil – 1920 - 1945*, de Sérgio Miceli (2001:72) faz ver que o autor tenta desmistificar a forma como os intelectuais,

Correspondem a expectativas ditadas por interesses do poder e das classes dirigentes. Em geral filhos dos grupos dominantes nos vários níveis, ou da classe média pobre e abastada, eles recebem, na maioria uma vantagem de berço que lhes facilita singularmente a vida e que eles procuram manter, ampliar ou recuperar. Por outro lado, como são objeto de uma certa sacralização, reivindicam para si critérios especiais de avaliação que são aceitos tacitamente como uma espécie de pacto ideológico.

Para Scaff essa desmistificação está longe da realidade de Cuiabá, tendo em vista que muitos preferem essa forma de reconhecimento provido de sobrenomes, como é o caso do próprio autor, a ser reconhecido por méritos de sua produção. Há casos em que alguns escritores prefiram ser incluídos no Campo literário pela Academias, Conselhos e Fóruns de Cultura.

O autor foi convidado por seu amigo Antônio de Arruda a participar da Academia Mato-grossense de Letras, mas recusou o convite por achar que não era hora, cedendo seu espaço à Lucinda Persona. Contudo o autor se arrepende por ter recusado o convite, pois achava que aceitando, poderia ajudar outros autores a se legitimar.

Scaff de certa forma é um dos poucos autores já legitimado pela crítica no concernente ao campo literário infantil em Mato Grosso, tendo em vista que suas

obras fazem parte de um conjunto de textos lidos e estudados nos campus universitários (acadêmicos) e nas escolas (alunos).

III- A ESCRITA INFANTIL EM LUCINDA PERSONA

Identidade

*Não entendo nada
deste mapa traçado
na palma da mão.
Terá sido com ponta de faca
ou diamante?
O que sei destas múltiplas linhas?
Algumas tão fortes
outras fraquinhas
retas e tortas (mais tortas)
longas e curtas
paralelas e cruzadas
apontando para qualquer lado
e todas sem saída.
(Lucinda Persona)*

Lucinda Nogueira Persona é contista infanto-juvenil, poeta, professora universitária, formada em Ciências Biológicas, escreve poesias destinadas ao público adulto em sua grande maioria, e contos e obras de ficção destinadas ao público infanto-juvenil. De suas obras podemos destacar *Ele Era de Outro Mundo* (1997), *A Cidade Sem Sol* (2000), *Leito de Acaso* (2004), *Por Imenso Gosto* (1995), *Ser Cotidiano* (1998), *Sopa Escaldante* (2001); participa do *Programa Poetas Vivos* (1987) e da *Na margem esquerda do rio: contos de fim de século* (2002).

Das obras de Persona as que mais se destacaram no cenário literário e da própria crítica literária são *Ser cotidiano*, *Sopa escaldante*, coletânea de poesias que retomam certos elementos cotidianos e domésticos e *Ele era do outro mundo*, texto da literatura infantil em que encontramos os elementos fantásticos e maravilhosos habitando o cenário do conto. Neste trabalho discorreremos uma análise de *Ele era do outro mundo*.

A obra foi publicado em 1997, pela editora Tempo Presente. A autora se baseia em lembranças que tem de sua infância, pois conta que quando tinha uns oito anos viu, por duas vezes, objetos luminosos no céu.

Em *Ele era de OUTRO MUNDO*, temos uma narrativa que se inicia em um fim de tarde, com o passeio de um "Ser estranho" entre os planetas. Nesta ocasião, avistou uma bola redonda a qual lhe chamou a atenção, desceu até a "bola redonda", no caso, a terra, e deparou-se com cinco crianças brincando. Ao verem o "ser estranho" as crianças se espantaram, mas aos poucos foram se acalmando,

tomadas de curiosidades sem saber o que era aquela coisa redonda, desfigurada, parecendo assombração.

As crianças aqui da Terra se assustaram como nunca, de cabelos arrepiados e as bocas escancaradas, igual à boca do ET. Com isso, o ET pensou que elas sorriam também. Que nada! Os meninos estavam desesperados. As meninas queriam correr, mas os pés grudavam no chão. Ninguém sabia quem era a esquisita criatura, mas todos queriam saber. (Persona p.08)

Embora fosse um "Ser" esquisito e assustador, logo cativou as crianças, pois também era engraçado, colorido, cheio de poderes mágicos que chamavam a atenção das crianças, a historinha é norteadada por brincadeiras de rodas, e nessa brincando de descobrir o nome do alienígena e de que lugar veio. O "ser estranho" usava seus poderes para brincar com a criançada, jogando-os para cima como se estivessem flutuando no espaço, acendia luz no dedo, cantava. E assim passava se o tempo, e já era tarde da noite e a criançada teria que ir dormir, mas o ET gostou tanto da criançada e sem querer ficar sozinho, convidou-os para conhecer sua casa e morar com ele, prometendo assim um reino encantado, cheio de brinquedos, tudo que uma criança desejaria ter.

O ET foi insistindo: - Juntem-se a mim, - prometendo alguns tesouros e até alguns poderes. Ofereceu uma casa imensa, repleta de vídeo games, um palácio de brinquedos, mais um rio de chocolate. Jurou um monte de coisas boas para quando voltassem à Terra. - Dou meu reino por um amigo! – chorava o desengonçado. (Persona p.18)

Os meninos logo aceitaram, mas as meninas pareciam ser mais conscientes e logo se esquivaram, temiam ir para um lugar onde não conheciam e que não pudessem mais voltar. Foi cantando e repassando os conselhos dos avós que conseguiram convencer os meninos de ficar, e depois cantaram para consolar o ET.

- ET preste muita atenção. Amizade não se compra, afeto se troca com afeto e pode ser à distância. Nesta altura da canção, os meninos já estavam murchos, concordando com o discurso. O ET muito assombrado com toda aquela verdade palpitava como estrela e chiava como um grilo. Deste jeito ele chorava. (Persona p.21)

O ET se deu por convencido e foi embora de volta ao seu *mundo que se perdia nas farinhas das nebulosas*. (Persona p. 24)

A história se constitui em tempo cronológico, visto que a obra começa em contagem regressiva de “dez a um”, simultaneamente ao início da história, inicia-se a noite; *Foi na hora do pôr-do-sol*. Segundo Zilbermean(1981: 71):

As histórias são atemporais, apresentando verbos no pretérito imperfeito e clichês conhecidos, como “Era uma vez...”, “Há muitos e muitos anos...”, “Manhã de verão...”. Muitas vezes terminam com um final abrupto, devolvendo de repente o seu ouvinte para a realidade. E quase sempre supõem um êxito, um “final feliz” que se obtém de maneira idêntica. “Nos contos de fadas, a realidade é dicotômica, mas marcha inevitavelmente para a imposição do bem sobre o mal, instaurando uma ordem que deve ser imutável”

A autora cria um ser alienígena, esquisito, feio e anônimo, embora seja meigo, extrovertido e carente. Persona elucida a historinha com caráter bastante lúdico, com o evidente propósito de chamar a atenção do leitor infantil. Ao decorrer da historinha o narrador vai descrevendo em momentos diversos, as caracterizações do ser estranho, ou seja, ora ele diz que ele tem a pele grossa, passada algumas estrofes ela conta que seu corpo é mole parecendo gelatina e mais pra frente diz que quando toca o em seu corpo, o ser apresenta-se em diversas cores, como o arco-íris de modo que aos poucos o “ser” vai se revelando, expele o que há de mais inédito aos olhos da criança.

E neste processo progressivo de conhecimento do ser alienígena, Lucinda aguça o imaginário no ser infantil, pois enquanto lê a criança penetra na historinha, isto é, seu envolvimento com o mundo imaginário, mágico e fabuloso de que propõe a obra faz com que o leitor faça uma viagem até o outro mundo o “fantástico”.

Entretanto, o prazer da literária infantil de Persona, não está em somente transportar o pequeno leitor para o mundo fabuloso da historinha, mas também em fazer com que a criança se situe em nosso mundo real através das histórias infantis.

- Meninos não sejam tolos. Vocês nasceram na Terra, cada um com sua vida, cada um com seu destino. E com seu corpo mortal.
- Meninos tomem cuidado com tudo que chega fácil. Estimem o jeito que são. Meninos não mudem pro espaço. (Persona p.20)

Podemos perceber essa trajetória na obra, quando o pequeno alienígena se empolga com a companhia das pequenas crianças, e não aceita o fato de ter que voltar sozinho para o seu mundo, sem graça, sem crianças, sem flores sem bichos, e impossibilitado de ficar neste planeta que não o seu, tenta convencer as crianças a lhe acompanhar, ao seu planeta, prometendo tudo o que uma criança desejaria ter na vida.

Esse tipo de atitude acontece dia-a-dia em nossa realidade social, visto que nos deparamos com vários relatos de pais de crianças desaparecidas, que com ajuda dos vários elementos persuasivos, milhões de promessas como essas tidas na historinha, bandidos seqüestram menores e transportam-os ao estrangeiro para serem comercializados e explorados.

Podemos observar em sua obra, que Persona constrói um mundo fantástico para criança, mas que também leva a criança à algumas reflexões sobre o diferente, a diversidade, e a algumas inquietações de cunho filosófico: Quem é o ser estranho? Esse ser estranho possui existência própria ou existe a partir de outro ser?

Vale destacarmos que tais inquietações não são pensadas como mola propulsora da obra, tendo em vista que a finalidade, principalmente da obra infantil é o deleite, fabulações e viagem pelo mundo imaginário, mas que também não deixa de ser conhecimento do mundo e de si.

O que torna o texto de Persona especial é a forma com que lida com a natureza de seu público, a criança, tendo em vista que através de sua narrativa a criança se representa e é apresentado a esta o mundo e o homem, através da união entre o real e o irreal.

Em sentido restrito, a Literatura é considerada arte, ficção, a criação de uma suprealidade. Por seu intermédio, representa-se o mundo, o homem e a vida. Nessa representação, várias modalidades artísticas são possíveis. A Literatura é, sem dúvida, uma das expressões mais significativas dessa ânsia permanente de saber e de domínio sobre a vida, que caracteriza o homem de todas as épocas (COELHO, 1987: 10 e 11)

Persona assim como Scaff, escreve a partir de questões que norteiam a existência humana ao seu redor, visto que em alguns poemas ela se propõe a esboçar elementos domésticos que aparentemente são pouco significantes, mas que se engrandecem em meio a sua escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário levarmos em consideração o fato de que as atenções da literatura infantil não devem centrar nos processos de escrituração apenas, mas em seu aspecto social. Bosi (1995) afirma que o autor deixa marcas em seu texto, essas marcas identificam uma série de elementos que possuem uma função social. Essa questão é latente quando se trata da literatura infantil, principalmente a produzida em um ambiente cuja representação social, influencia diretamente na escritura do texto.

Segundo alguns autores como Pierre Bourdieu (2002, 2004). Antônio Cândido (2000) e Maingueneau(2001), não há possibilidade em dividir confiavelmente o autor e sua obra, uma vez, que estes pólos estão intrinsecamente ligados. O espaço em que os autores se inscrevem influencia direta ou indiretamente os fios de sua tessitura literária. "O importante é a maneira particular como o escritor se relaciona com as condições de exercício da literatura de sua época" (Maingueneau, 2001: 44). Assim, a literatura infantil produzida em Mato Grosso, se principia através do processo de produção, recepção e comunicação (autor–obra–público).

Para tanto, constatamos estas marcas do espaço social e cultural, nas obras do autor Ivens Cuiabano Scaff, o qual propositalmente engloba a riqueza cultural do lugar em que vive, em suas escritas, proporcionando ao leitor, conhecimento do que há de mais valioso a uma região.

A autora, Lucinda Nogueira Persona também ocupa este espaço social em suas escritas, visto que ela resgata da realidade que norteiam o meio em que vive, inspirações para escrever suas obras.

Consideramos que os autores Ivens Scaff e Lucinda Persona têm noção de que produzem literatura infantil e que suas obras possuem uma função social, tendo em vista, que as literaturas infantis são formadoras de opiniões e modificadoras das mesmas.

Em função da legitimidade destes e de outros autores não citados nesta pesquisa, empenhados em produzir uma Literatura que valorize a cultura Infantil em Mato-Grosso, e por haver um público consumidor de suas obras. Asseveramos que esta literatura de fato existe em Mato-Grosso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *Escritores e escreventes*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia. das letras, 2002.
- _____. *O poder simbólico*. São Paulo: Cia. das letras, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite outros ensaios*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- _____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- _____. *A poesia em Mato Grosso*. Cuiabá: Verdepantanal, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil – teoria, análise e didática*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1921. 1991, 316 p.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LEITE, Mário Cezar Silva (org.). *Mapas da mina: estudos da literatura em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *Relações de poder na literatura da Amazônia legal*. Cuiabá: EdUFMT, 2002.
- _____. *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: Unicen, 2001.
- PERSONA, Lucinda Nogueira, *Ele era de outro mundo*. Cuiabá: Ed. Tempo Presente, 1997. 26p.: il.
- SCAFF, Ivens Cuiabano, *Uma Maneira Simples de Voar*. Cuiabá: Tempo Presente, 1997. 70p.: il.
- ZILBERMAN, Regina. História da literatura e identidade nacional. In: JOBIM, José Luís. *Literatura e identidades*. São Paulo: J. L. A.J. S. Fonseca, 1999.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4. ed. São Paulo: Cia das letras, 2003.

- BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CARVALHO, Carlos Gomes de. *Panorama da literatura e cultura de Mato Grosso*. Vol. II. Cuiabá: Verdepantanal, 2004.
- COELHO, Nelly N. O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos. São Paulo: MELLO, Franceli Aparecida da Silva. *A prática da leitura em Mato Grosso no século XX*. Cuiabá: EdUfmt, 2005. Revista Polifonia. Nº 09, p 85 – 103.
- MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. 2. ed. especial. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2005.
- NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas*. Rio de Janeiro: 7letras, 2002.
- OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo. *A literatura infantil* [online] Disponível na internet via WWW URL: <http://www.graudez.com.br/litinfl/origens.htm>
Acessado em 30/9/2005

ANEXO I

Uma Maneira Simple de Voar

Será que existe, de verdade, um cerrado cujos caminhos se cruzam e onde as pessoas adultas se perdem?

Será que existe um lugar como o sítio do velho Annis, com Iaras, Negrinhos D'água e onde mora, no fundo do rio, o Minhocão?

Aliás, será que existe gente tão boa como Annis ou Siá Frô?

Existirá uma palavra poderosa, capaz de desencadear os mais inesperados acontecimentos?

A menina Ade, o menino Andriel e você estão juntos nesta aventura.

Talvez até descubram uma maneira simples de voar.

Tempo Presente
e d i t o r a

Apoio Cultural:



Patrocínio:

MODELO

Ivens Chibarro Neto

Uma Viagem
Simples
de Voar

Ilustrado por Marcelo Velasco



2007
Ivens Cuiat Scaff

Uma Maneira Simples de Voar

Cominondas de Mafos Megalhães

Ilustrado por:

Marcelo Velasco



190Presente



Copyright © 1997 by Ivens Cuiabano Scaff
Todos os direitos reservados, inclusive os direitos de reprodução no todo ou em parte em qualquer forma

Coordenação editorial:
Ivens Cuiabano Scaff
Wander Antunes

Editoração Eletrônica:
Heliara Costa

Catálogo na Fonte: Biblioteca Central UFMG

S278m Scaff, Ivens Cuiabano
Uma maneira simples de voar / Ivens

Cuiabano Scaff; ilustrado por Marcelo
Velasco. --Cuiabá: Tempo Presente, 1997.
70p.: il.

CDU-869.0(817.21)-93

Índice para catálogo sistemático

I. Literatura infanto-juvenil-Cuiabá (MT)

1997

Todos os direitos desta edição reservados à

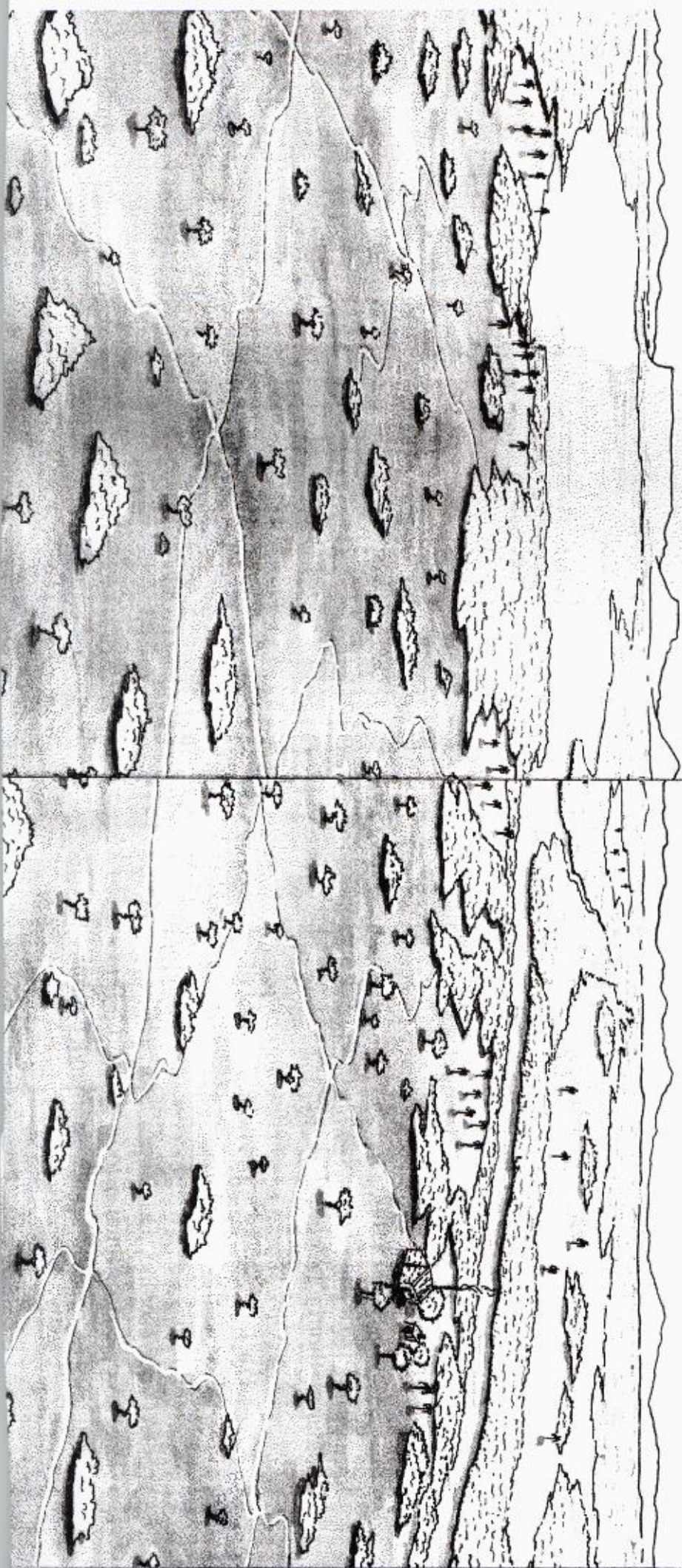
TempoPresente
e d i t o r a

Uma vez, no Rio de Janeiro, uma senhora me disse que, quando era pequena em Cuiabá, costumava passear com sua melhor amiga sob as frondosas árvores do Morro da Prainha, à beira do riacho Maranhão.

Seu nome era Lélia e sua melhor amiga, Lucina, minha mãe. Dedico este livro a essa amizade.

O CERRADO DE CAMINHOS QUE SE CRUZAM

É fácil. Pode parecer difícil. Mas não é. Assim
como quase todas as coisas. Se você olhar bem,
conhecer, o que parecia confuso, fica claro.



Por isso se você não conseguir no início, não tenha pressa. Volte todo o caminho e comece tudo de novo.

É que a paisagem vai mudando. Constroem uma casa aqui. Uma rua ali. Derrubam uma árvore. Pronto. Você não reconhece mais nada.

Por isso não desanime. Você segue no rumo daquelas olarias velhas. Agora lá só existem aquelas lagoas fundas, cheias de aguapés e sapos.

Você pode até perguntar pra saparia. Eles vão responder:

— Não sei, não sei.

Mas não é verdade. Não que os sapos sejam mentirosos. É que eles acham que assim a música que cantam fica mais bonita.

— Sei lá, sei lá.

Eles vão responder assim. Mas sabem. É só você agradá-los um pouquinho. Quem é que não gosta de uma atençãozinha.

Eles ficam todos solícitos.

— Sei sim, sei sim.

E a saparia fica desesperada. Cada um querendo ensinar melhor que o outro.

— Por aqui.

— Por lá.

— Por aqui.

— Por lá.

Aí você escolhe. Ou vai por aqui. Ou vai por lá. E chega no cerrado. Igual a todo cerrado. Tem angico. Tem lixeira. Coroa-de-Frade. Mangava e piqui.

Você vai andando. Tem uma encruzilhada. Nem adianta dizer. Vai por aqui ou vai por ali. Porque logo adiante a estrada se divide de novo, e de novo. E de novo.

Vai ter hora que você vai achar que já passou por aquele caminho. Ou mesmo que está voltando. E pode até estar.

Pois este é o cerrado dos caminhos que se cruzam.

Pras crianças é mais fácil. Elas vão passando fácil por baixo dos espinheiros. Enquanto os grandes ficam muito arranhados e têm que andar encurvados.

O segredo desse lugar é que ele só têm uma entrada e uma saída.

Então pode até demorar, mas se não parar de caminhar, você acaba saindo. E aí você já está pertinho do sítio.

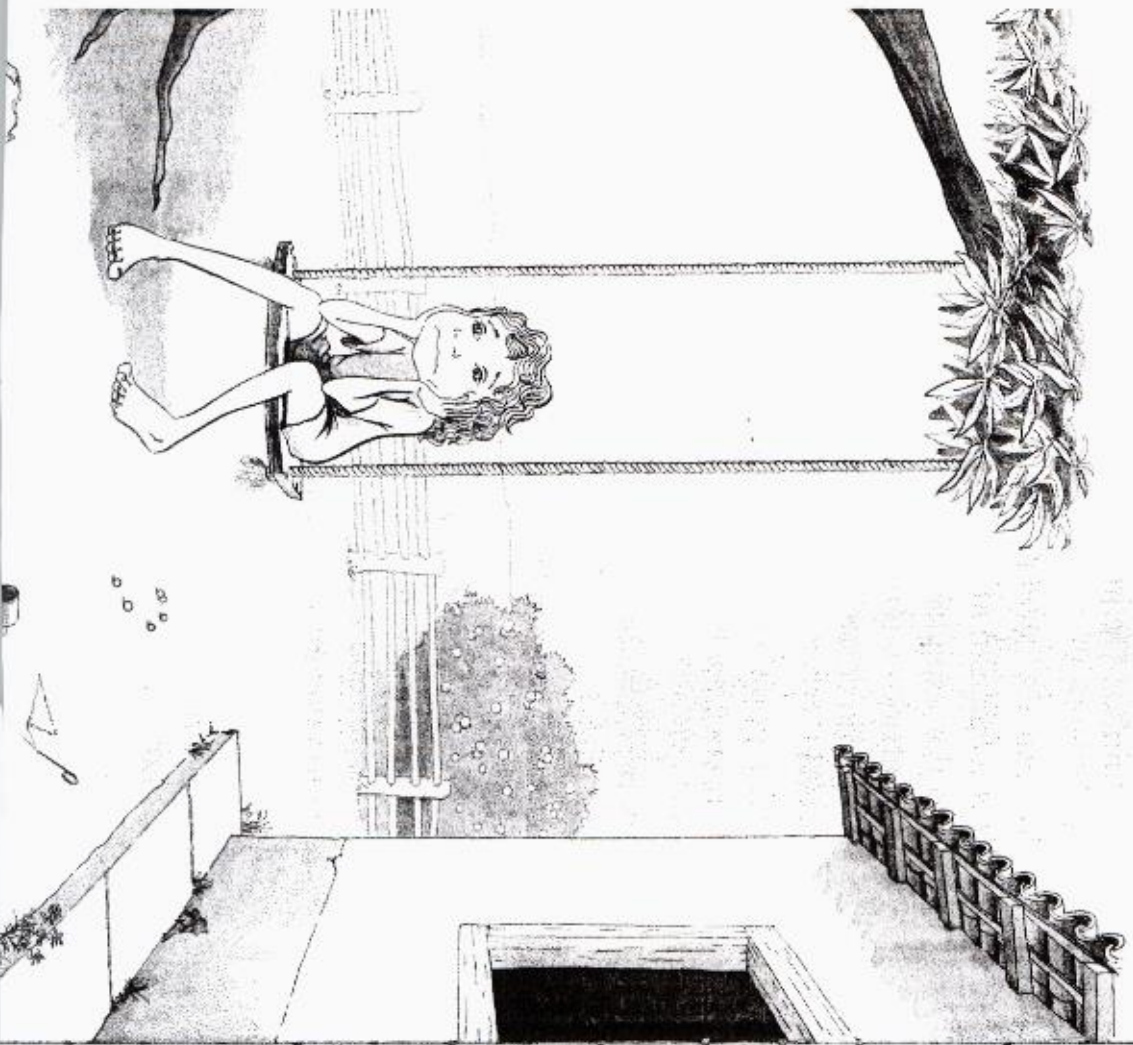
Agora. Claro que se você souber um segredo fica mais fácil.

Acontece que o velho que mora no sítio gosta muito de banana frita.

Aí é só chegar no cerrado na hora do almoço e ir seguindo o cheirinho que logo, logo você está lá.

Foi assim que aconteceu com a menina Ade. E é esta a estória que eu vou contar.

A MENINA PERGUNTADEIRA



Depois da aula. Depois de fazer a tarefa. Depois de ajudar a mãe, ela ficava sem ter o que fazer. Brincava de queimada, passa-meu-bom-barqueiro, roda, boneca e muitas outras brincadeiras com as meninas.

Aí ela ia pra turma dos guris e brincava de polícia e ladrão, bolita e finca-finca.

Mas tinha dia em que ela enjoava de tudo. Sentava no batente da casa e ficava olhando o céu azul e as nuvens. Nuvem-camelo. Nuvem-castelo. Nuvem-cara-de-palhaço. Mas cansava.

E o tempo não passava. Ia na casa dos vizinhos. No fundo dos quintais. Apertava as mangas verdes para ver se já estavam maduras. Voltava e a porcaria do tempo não passava.

Nesses dias ela queria ir pra um lugar que ela não sabia qual era. Nem sabia se esse lugar existia.

Mas como era muito curiosa, ela acabou sabendo do sítio. Quis saber mais. Mas como?

Ela tinha fama de muito perguntadeira. De tanto fazer perguntas. Todo dia, toda hora, pra todo mundo, ninguém mais respondia.

— Isso é especula, companheira da pergunta, menina perguntadeira.

Mas se não podia perguntar, podia ouvir.

Ouvir os pescadores que passavam com fieiras de piraputangas de rabos vermelhos, de pacupevas redondas ou de bagres bigodudos quando a água do rio estava suja.

Ouvir o carroceiro sempre acompanhado do seu cachorro. O carroceiro gordo e o cachorro magro aproveitando a sombra da carroça.

Ouvir as comadres. Ouvir os moleques. Assim foi ficando cada vez com mais vontade de conhecer o sítio.

Enquanto isso, não parava de fazer perguntas. Perguntava pra ela mesma e não sabia responder. Perguntava acordada e até seus sonhos eram cheios de perguntas.

Se via uma colméia já queria saber se as abelhas tinham inveja da doçura da rapadura.

Se por acaso trovejasse. Um daqueles trovões que rolam por cima das nuvens. Ela já queria perguntar se as nuvens se queixavam de dores nas costas.

Do fundo do quintal vinha perguntando:

— Vermelha ou amarela, qual mágico descobre a cor da goiaba, só de olhar a sua casca?

Éta menina novidadeira. Éta menina perguntadeira.

O VELHO QUE RESPONDIA

No sítio tinha um celeiro. O velho ia lá todo dia. Ficava por trás da cercazinha de taquara e jovaga milho n'água. Uma água transparente, sombreada de sarãs. Aí era uma ferveção só de piraputangas e outros peixes pequenos.

Aí na beirinha tinha de tudo. Piquiras e lambaris. Riscadinhos, vacas-brancas e duros-duros. Ficavam nadando contra a correnteza e às vezes descansando nos remansos.

Já os chun-chuns, os rapa-canoas e outros bigodudos gostavam mesmo é do lodinho macio das pedras e da parte de baixo das canoas.

O fundo do rio era o reino dos pintados e cacharas. O lugar mais fundo era guardado para os velhos jaús, enquanto os pacús arrastavam seus beiços por todo canto em que houvesse comida.

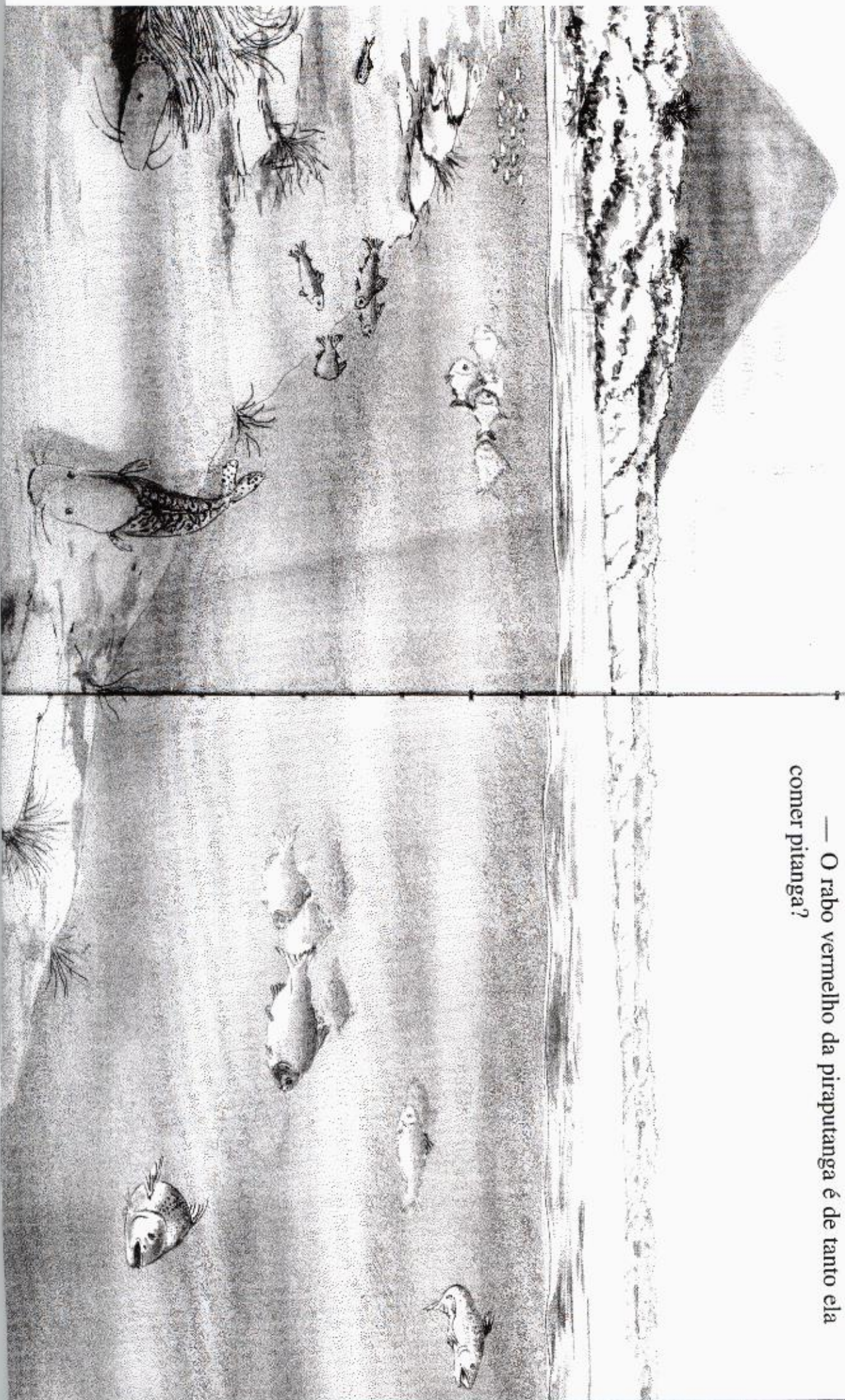
De vez em quando o rebojo das piavas, piraputangas e botoados, ou zig-zag de um peixe pequeno fugindo de um dourado.

O velho Amis dependurava também uma espiga de milho logo acima da flor d'água. Um peixe pulava e lá se ia um bago. Mais outro pulo, outro bago. Outro peixe. Outro bago. E outro. E outro.

De tempos em tempos, o velho Amis ia lá e trocava a espiga desdentada.

Um dia em que estava fazendo isso ouviu uma
vozinha muito fina.

— O rabo vermelho da piraputanga é de tanto ela
comer pitanga?



Quem é que podia ser?

Só a menina perguntadeira. O velho Amis riu, sem se espantar daquela criança tão pequena ali sozinha.

— O que eu sei é que eles gostam mesmo é de pinhão. Mas de pitanga quem não gosta?

— O senhor gosta de tarumã?

— Gosto de tarumã e gosto de criança. Gente grande refuga. Mesma coisa que chico-magro.

— O que é chico-magro?

O velho Amis mostrou uma árvore carregada de uma frutinha preta.

A menina mordeu uma que o velho lhe deu.

— É dura.

— Vai mordendo, no final vem o gostinho.

A menina perguntadeira encheu os bolsos da saia porque tinha muitos amigos.

Passaram por uma velha e enorme figueira cheia de ninhos. Os ninhos eram feitos de gravetos. Dependurados como se fossem frutas.

Antes mesmo da menininha perguntar, o velho Amis já contou que eram ninhos de japuía.

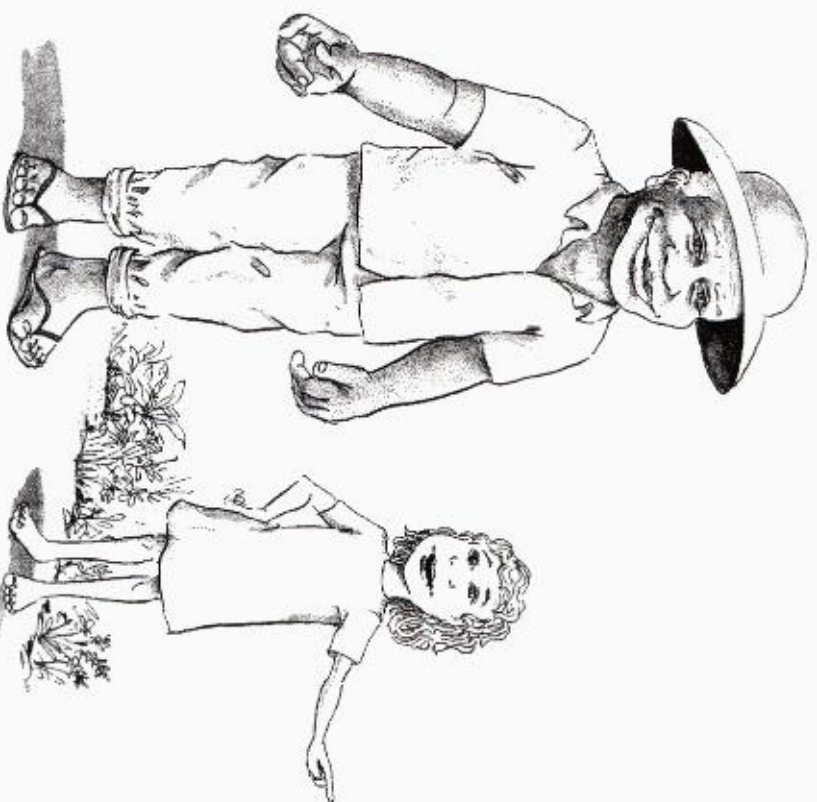
— Não confunda com o João-pinto. A japuía é amarela e preta. O João-pinto é que é alaranjado e preto.

Aí passaram por um cajueiro. Era um cajueiro muito antigo.

Amis explicou que os cajueiros só floriam depois da chuva de agosto.

— E quem despertará os cajueiros se se atrasar a chuva do caju?

Mas ela pensou. Ade estava encantada. Ninguém gostava de responder às suas perguntas. O velho Amis respondia sem ela perguntar.



A CHUVA

A criança estava curiosa com os sumiços de Ade. Ainda mais que ela agora sempre aparecia com uma fruta diferente. E todo mundo sabia que o quintal de sua casa era inteirinho cimentado.

— Só dou uma se você souber a resposta.

— Então pergunta.

— Qual foi o engraxate que lustrou a casca da bocaiúva?

— Menina boba, essa pergunta não tem resposta.

— Se você fosse Amis, você sabia.

— Quem é Amis?

Essa menina, além de muito perguntadeira, também era muita faladeira.

Um dia estava sentada à porta de sua casa comendo com cuidado um cajá-manga. Todo mundo sabe que o cajá-manga é cheio de espinhos por dentro. Por isso tem que prestar atenção.

Como tinha dois, foi à casa da vizinha. Mas só deu depois de perguntar.

— São primos pelo azedume o tamarindo e o cajá? Mas aí começou a trovejar. Um trovão comprido. E ela ficou com medo.

Correu, correu e nem sabe como chegou ao sítio. Entrou pela casa adentro e não encontrou ninguém. Aí foi que ficou com mais medo.

Tinha escurecido e o vento dobrava os coqueiros, balançava inteiro o tamarineiro e varria o canavial.

Saiu correndo para a roça e nem ali encontrou Amis. O caminho tinha virado uma lama só. Escorregava.

Entrou de novo em casa. Tremia de frio e de medo. Se o velho Amis estivesse aqui...

Se o velho Amis estivesse aqui ele juntaria umas achas de lenha. A menina Ade foi levando umas achas de lenha para o fogão. Levava uma a uma porque era muito pequenininha.

Se o velho Amis estivesse aqui ele acenderia o fogo. E foi o que ela tentou fazer. Soprando. Abanando. Nem sentia mais medo ou frio. Sentou-se junto do fogão e ficou escutando o barulho gostoso da chuva que fazia coro pra o crepitar da lenha.

Quando o temporal amainou ela saiu no rumo do rio.

Encontrou Amis numa cabana de palha na beira do rio. O chão era de areinha macia. Ela se sentou juntinho. Ela recostou-se no velho.

A chuva agora caía fininha. O sono foi tomando conta da menininha.

Ela mal ouviu a pergunta do velho:

— É pra ninar os peixes que tamborila a chuva sobre o rio?

A MEMÓRIA DOS PEIXES

O sítio tinha muitos lugares bons. Porém Ade e Amis gostavam mais da sombra da velha figueira. Só que às vezes no escurecer tinham que sair de lá por causa dos mosquitos.

O velho Amis explicava que os peixes gostavam de viajar rio acima para namorar.

Mas na hora de crescerem, os peixinhos escolhiam as águas calmas das baías que o rio formava lá bem abaixo.

A menininha escutava Amis enquanto olhava os lambaris que subiam em fileiras de três, às vezes em fileiras de quatro ou cinco rio acima.

Mais para o meio do rio um cardume de piraputangas também subia. De vez em quando ela via ondinhas que provocavam quando elas nadavam quase na flor d'água.

— Amis, Amis, chamou a menininha.

— O que foi, Ade?

— Amis, tem coisas da minha vida que eu já esqueci.

— E daí?

— Daí que eu queria saber. Esses peixes nadando

sem parar contra a correnteza.

O velho franziu as sobrancelhas.

— Eu queria — continuou a menininha — eu queria saber como é. Esses peixes se lembram das baías da sua infância?

O velho Amis abraçou aquela menina chamada Ade. Abraçou aquela menininha bem forte. Ele queria que ela nunca se esquecesse.



A VIDA DAS ESPUMAS



— Velho Amis, você já foi até aquela chapada?

— Menina Ade, eu fui há muito tempo. Fui a cavalo e paramos em muitos rios.

— Eu nunca fui.

— Pois eu vou te contar como é. Os rios de lá têm água muito clara. E no fundo ou têm uma areia muito bonita ou milhares de pedras coloridas. Na beira dos rios e formando cachoeiras, há umas pedras azuladas que são chamadas de piçarra.

— As cachoeiras fazem espumas?

— Fazem. Uma espuma mais fininha que a espuma do sabão.

A menininha ficou olhando longe. Era sinal de que vinha pergunta.

— Amis, quando a espuma acaba depois da cachoeira, sabe?

— Sei, s'menina.

— Pra onde ela vai? É ela mesma que renasce na outra queda d'água? Ou ela só espuma uma vez e acabou?

O velho Amis fez uma cara que ela não conhecia. O velho estava emocionado.

E pra disfarçar ele pegou a menina Ade pela mão e foram passear pra lá da roça.

Andaram até encontrar um árvore muito grande, de galhos retorcidos que ele disse que era um pé de piqui. Sentaram embaixo e com uma faca, o velho Amis ia abrindo as frutas.

Ade catava e colocava no saco. Hoje eles iam comer arroz com piqui.

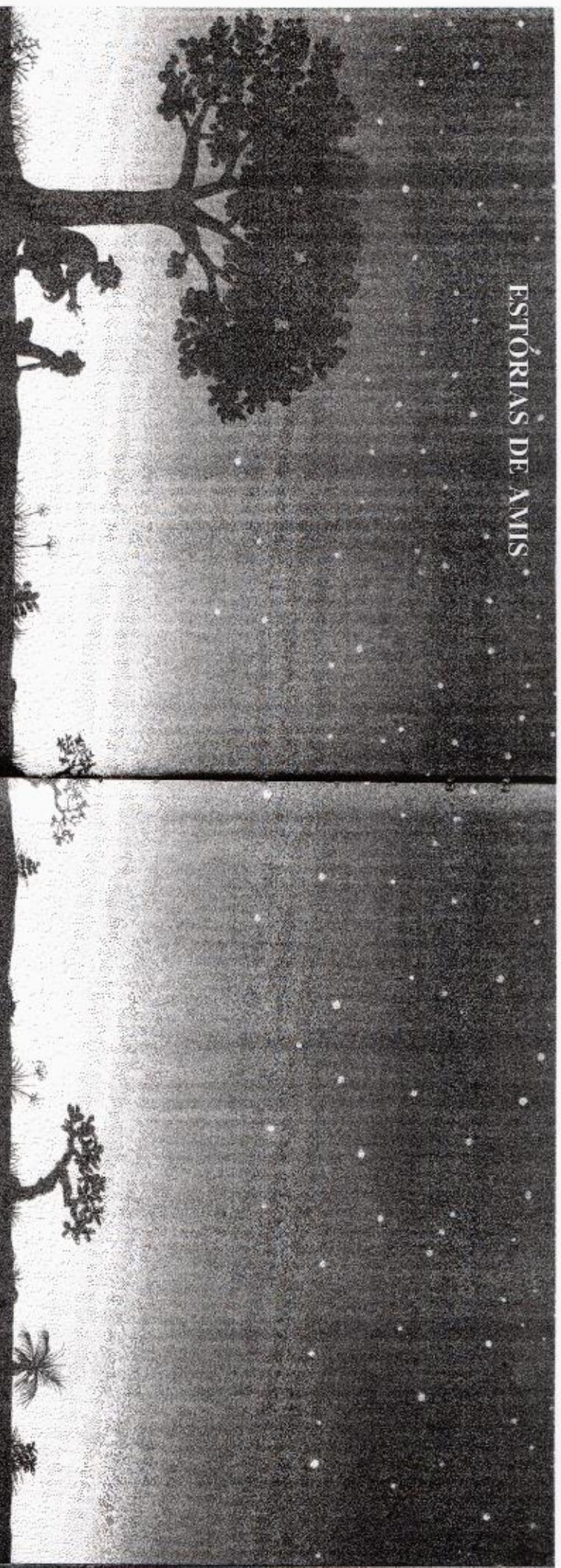
Desta vez quem fez a pergunta foi Amis.

— Cresceu assim o minhocão do Pari de tanto comer piqui?

Os olhos da menina brilharam.

— Minhocão do Pari?

ESTÓRIAS DE AMIS



Quem mandou Amis falar em minhocão. Ade só falava nisso. Queria saber tudo.

O velho Amis às vezes contava. Às vezes não.

— S'menhina, se eu for responder todas as suas perguntas não vou ter tempo pra mais nada.

Mas acabava contando. Cada vez uma estória maior. Não tinha um minhocão só. Dois eram mais conhecidos. O minhocão do Pari e o minhocão lá do Engordador. Esses eram os grandes. Agora filhote de minhocão, como

é que iam saber quantos?

Nas noites de lua cheia ou mesmo de lua nova, eles surgiam da água tranqüila.

E rolavam muito nas praias, destruíam as plantações de fumo e mordiam grandes pedaços de barranco.

Quem já viu, conta que é um bicho rolico. Feito muçum. Mas grande. Tão grande. Tão grande que é difícil entender como é que cabe dentro do rio.

Uma vez que anoiçecia, ela estava com tanto medo

POVO DA ÁGUA

que o velho Amis mudou de assunto e contou a estória da Mãe D'água. Aí como os olhos de Ade continuavam arregalados e contou a estória do Negrinho D'água. E como ela continuava assustada ele ensinou-a a contar estrelas. Uma a uma. Cada uma que nascia. Os olhos da menininha refletiam cada estrela que Amis apontava.

Ade dormiu quando ele contou a estória das Três Marias. Que o pai fez um convento para por Maria Terezinha dentro. Comendo carne salgada sem beber um gole d'água.

Ou isto já era um sonho da menininha? O velho Amis continuou a olhar para o céu. E também fez uma pergunta.

— Se as estrelas são eternas, como é que elas parecem tão meninas?



Ainda estava claro quando Amis e Ade subiram na canoa. Mas a tarde logo logo ia terminar. E tinha que ser assim. No lusco-fusco. Porque essa era a hora do Negrinho D'água.

Da outra vez tiveram que acordar bem cedo. Tão escuro que as estrelas ainda se despediam da estrela Dalva. Piscando os olhos de tanto sono já iam dormir.

E tinha que ser assim. Pois eles tinham ido visitar a Mãe D'água. Ela só gosta de se banhar e pentear seus cabelos verdes de limo no friozinho da madrugada.

Quando vira a cabeça, os seus cabelos longos, flutuantes, espalham a névoa branca que cobre o rio.



Ela fica cantando uma cançãozinha bem baixinho, acordando os passarinhos e as borboletas. Aí os passarinhos começam a cantar cada vez mais. Um galo responde lá no sítio. Mais outro. E outro mais longe. Pronto, nasce o sol.

Nessa hora é que é. Os raios de sol ferem a sua pele que é delicada igual à dos pintados, macia, macia. Os rios de luz também machucam os seus olhos acostumadas só com a sombra.

Ela então dá um grito e mergulha. O seu grito é igual ao das cigarras, que então começam e não param mais de cantar.

Pois é, Amis e Ade subiram na canoa feita de um pau só. E foram rio acima. Ou abaixo?

Para aquelas pedreiras que formam uma costela que quase atravessa o rio.

Soprava um ventozinho morno e a água estava tranqüila. Parecia um espelho refletindo a rosa do céu. Eles tinham que se aproximar sorrateiros. Já no escurecer. Aí embicavam a canoa num vão de pedras. Porque esse povo do rio não gosta nada de ser visto.

Ainda mais Negrinho D'água. Primo do Saci. Parente longe das lontras e ariranhas. Sem mais nem menos eles já puxavam para o fundo as crianças que tomavam banho depois do escurecer. Quanto mais soubessem que estavam sendo espiados.

Eram tão danados esses negrinhos que quando não tinham o que fazer, trepavam no gogó dos biuás e faziam os pobres pássaros voarem em velocidade incrível rio

acima e rio abaixo, rente à água.

Para onde eles iam de dia e de noite, ninguém sabia. Sumiam. Nem em cima, nem em baixo d'água. Nem nas matas da beirada. Tossiam e sumiam.

Por isso é que tinham de chegar de mansinho.

E tiveram de esfregar bastante gordura de peixe no corpo. Pra tirar o cheiro de gente.

Senão, nada de negrinho. Só a mosquitada mordendo Amis e Ade.

O ACIDENTE

Depois da curva do rio a coisa engrossou. O vento começou a ficar forte. O rio cheio de ondinhas que batiam na beira da canoa. O chapéu de palha de Ade foi embora rio abaixo.

Um bando de nuvens escuras, cada vez mais pesadas, escurecia a tarde.

O vento cada vez mais forte. Assobiava e sacudia os sarans da beira d'água. Um jacaré, que tomava sol no barranco, disparou e sumiu na água encarpelada.

O velho Amis controlava a canoa, sentado na popa. Na proa Ade tremia um pouco.

Mais à frente, cruzaram com uma capivara e seus filhotes que atravessavam o rio. Perto da canoa mergulharam. Ade ficou procurando, mas eles não reapareceram.

O vento fazia ondas altas e borrifava água nos canoeiros. Mas a pedreira estava perto.

Lá na frente Ade mostrou um pontinho na água. Amis franziu a vista pra conseguir enxergar.

— Ah, um veadinho. Será que tem queimada que os bichos estão atravessando o rio? Mas com esse tempo chuvoso?

— Amis, vamos lá ver?

— Não dá. Temos que encostar. Ir beiradeando os sarans.



O MENINO ANDRIEL

O velho Amis tinha visto que rodavam muitos troncos, árvores inteiras. E que a água nesse dia não estava muito limpa. Ficando cada vez mais barrenta. Sinal de que o rio estava ganhando água.

— Eu quero.

— É perigoso.

— Perigoso nada. Eu quero ver de perto.

Ade pegou o outro remo e começou também a remar.

A canoa desgovernou e saindo do remanso entrou na corredeira.

Nessa hora a chuva vinha lá do fim do estirão do rio. Fazendo um barulho danado e tornando a flor d'água branca feio nuvem, alcançou os canoeiros.

A canoa rodopiou. Amis impulsionou com o remo para evitar uma pedra que saía d'água no meio do rio, mas não conseguiu.

A canoa fez água rapidamente. Ade não conseguiu ver Amis. Tentou gritar, mas engoliu dois grandes goles de água.

A roupa encharcada pesava mais do que podia suportar.

Batia os braços e pernas, levada rapidamente pela correnteza.

Vocês devem estar preocupados. E o pai e a mãe de Ade? Eles não notaram sua falta?

Mas é que eu devo explicar uma coisa pra vocês. Que o sítio do velho Amis é um lugar diferente, vocês já notaram. Mas ainda não sabem de tudo. Lá o tempo passa muito mais depressa. Porque lá o tempo é maior. Maior?

Parece difícil, mas depois que a gente entende fica muito mais fácil.

Por exemplo. Você, num dia de setembro acordou às sete horas da manhã. Às oito, andou de bicicleta. Às nove, foi tomar banho de rio. Ficou de molho até meio-dia. E aí almoçou. Depois do almoço fez um passeio por muitos lugares bonitos, só chegando em casa às sete horas da noite. Como você voltou cansado, já estava na cama às oito da noite.

Agora, vamos falar de um certo dia de junho. Você acordou, e como estava meio frio, você ficou à toa até meio-dia. Aí almoçou. Depois, como não dava pra sair, nem brincar lá fora, você ficou mexendo aqui e ali e quando assustou já eram sete horas da noite. Aí você jantou. Viu televisão até oito horas e então dormiu.

Aí se eu perguntar pra você quantas horas teve aquele dia de setembro você vai contar tudo o que você fez pois eram coisas boas. Você se lembra de tudo.

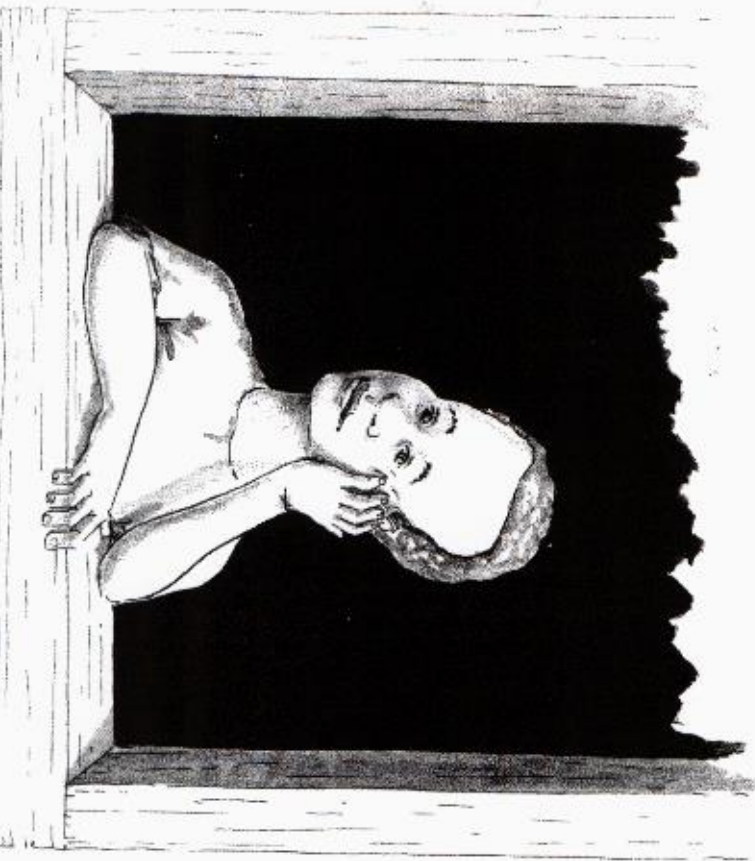
Você me dirá o dia teve 13 horas inesquecíveis.
E aquele dia de junho?

Você se lembrará só do almoço, do jantar e do programa de televisão. E dirá que só se lembra de três horas.

Pois é assim que funciona o tempo no sítio do velho Amis. Enquanto tudo aquilo acontecia com a menina Ade, o tempo quase não passava na sua casa e ninguém notava a sua falta.

Mas, pensando bem, tinha alguém que sentia falta da menina Ade.

Era o menino Andriel.



Acontece que quando Ade não estava com ele, parecia que o tempo não passava. E por isso cada minuto longe de Ade parecia um século.

Esse sentimento se chama saudade. Não é preciso explicar direito porque todo mundo já sentiu saudade e sabe que é assim mesmo.

Esse menino gostava muito de Ade. Esse menino não gostava de ficar fazendo perguntas a toda hora. Era muito calado e observador.

Como ele observava muito as coisas e as pessoas, ele sabia muito mais que os outros.

E foi pensando, relembrando as suas conversas com a menina Ade, que ele resolveu procurá-la.

Dessa maneira foi que ele chegou no cerrado dos caminhos que se cruzam.

Coitado do menino Andriel. O velho Amis não estava em casa e por isso não tinha cheiro nenhum para o guiar.

A FLORAÇÃO DAS MANGUEIRAS

Como vocês se lembram, o cheiro da banana frita era que ajudava as crianças no labirinto do cerrado.

Só que agora Amis e Ade estavam perdidos no rio. O fogão apagado. Nem uma fumacinha. Mas como vocês sabem, o menino Andriel é muito inteligente.

A menina Ade tinha dado de presente a ele uma manga verde. Pra comer com sal. Ele estranhou pois ainda não era tempo de manga. Mas não falou nada. Vocês sabem que ele não era de muito falar. Foi assim que Andriel ficou sabendo que haviam mangueiras no lugar pra onde Ade sempre sumia. E mais. Que as mangueiras do sítio davam manga antes do tempo.

Pois então. Quando ele chegou no cerrado dos caminhos que se cruzam, ele só precisou seguir o cheiro das florações das mangueiras.

O cheiro ficava cada vez mais forte. Fazia cada vez mais cócegas no seu nariz.

Chegou primeiro na porteira perto da velha piúva roxa. Atravessou o canavial. Mais pra lá perto do rio abaixou-se para passar sob os galho de cajueiros antiquíssimos.

Então, lá na frente, no meio de um pátio da grama mais bonita que ele já viu, surgiu a casa de pau-a-pique. Caiada de branco. Com portas azuis.

A porta estava entreaberta. Ele entrou afagando os

cachorros do velho Amis, que faziam festa pra ele. Fazendo braulho com as unhas no chão de ladrilho amarelo.

Mas, onde estava Ade?

Aliás, onde e com quem?

Se vocês pensam que o menino Andriel se apertou, vocês estão completamente enganados.

Bastou uma vistoria do menino pra ver que estavam faltando remo e canoa.



NO MEIO DO RIO

A menininha tiritava de frio, agarrada à pedra no meio do rio. Sentia caimbras nas mãos e nas pernas. E tinha que tomar cuidado pra não engolir ainda mais água.

A chuva continuava no escuro, feito uma névoa barulhenta.

O que teria acontecido ao velho Amis? A menina ficava com o coração cada vez mais apertado. Ela tinha feito tudo errado, pensava.

Tinha perguntado na hora errada. Desobedecido ao velho que conhecia o rio como a palma da mão.

Agora de que adiantava ao velho conhecer o rio? Seus músculos já estavam muito cansados pra enfrentar a corrente. A sua roupa era de mangas compridas por causa da friagem da noite e dos mosquitos. Devia estar pensando muito. As chances do velho eram na realidade muito poucas.

Ade pensava com tristeza em tudo isso. Sentia muito medo e achava que o medo seria menor se estivessem juntos. Um ajudaria ao outro.

O velho tinha se agarrado aos galhos secos de uma grande árvore que havia se enganchado no leito do rio. A areia fugia debaixo dos seus pés, porque a correnteza era muita. Toda hora o velho Amis trocava de apoio. Uma vez num pé. Outra vez no outro. Também trocava a mão que segurava o galho. Direita. Esquerda. Direita. Esquerda.

Com os olhos franzidos, porque tinha a vista fraca e também por causa da chuva forte, ele tentava encontrar a

menininha.

Ao mesmo tempo se recriminava. O que custava fazer o gosto dela. Era perigoso, mas não era tanto. Mania de querer resolver tudo pelas crianças.

Agora estava tudo pior. Melhor não se desesperar. Mas, ele conhecia o rio. Conhecia a fúria do rio nas enchentes. Estava difícil pra ele. Como não estaria para a menininha?

Como seria bom se ela estivesse aqui ao alcance do seu braço.

Fazendo concha na boca com uma das mãos, gritou.

— Ade, Ade.

Mais forte. Mais forte. Olhando. Procurando no meio da chuarada.

— Ade.

— Ade.

— Ade.

— Amis, Amis.



COMEÇA A BUSCA

Tinha chovido tanto na noite anterior que o caminho da beira do rio estava escorregadio.

Andriel já tinha corrido o celeiro, o bebedouro das caviaras, o lugar de banho e nada.

Andou um pouco rio abaixo, atravessou a mata das paineiras, o pátio do antigo engenho e uma mataria rala e chico-magro. Cruzou um sangradouro, sempre olhando às margens do rio, que agora apresentava a água bem barrenta e cheia de galhos que rodavam.

Depois resolveu seguir o rio acima. Atravessou as plantações beira-rio de arroz, fumo e milho. A água, subindo, já estava molhando os pés de marcela da margem.

Passou até da grande figueira na curva do rio, cheia de ninhos de japuía. E nada da menina Ade.

Aí ele começou a ficar preocupado. Só se ela foi visitar algum morador do outro lado do rio.

Mas ele vinha olhando tudo. Quase só barranco. E tudo vazio. Nenhuma canoa.

Onde estaria Ade? Com quem estaria Ade?

Andriel sentiu-se muito sozinho. Fazia muito silêncio. De vez em quando bem longe, um canto de cigarra ou jáó.

Lembrou-se então da vez em que tinha encontrado um lambari numa poça d'água. O rio tinha secado muito

rápido e ele tinha ficado preso.

Pegou o lambari com as mãos em conchas e jogou-o no rio. O lambari zigue-zagueou na beira d'água e sumiu. Sobrou de lembrança uma pequenina escama que ele guardou.

Então ele fez como viu num livro. Esfregou a escama e falou:

— Valha-me, rei dos peixes.

Mas as águas não se mexeram. Nem surgiram cardumes e cardumes para ajudá-lo.

O menino Andriel pensou que os peixes não puderam vir porque os rios estavam muito secos e sujos e os homens tinham estendido redes para apanhá-los.

Tirou do seu sapiquá uma penazinha muito mimosa, muito pequenina. Era de um filhote de

passarinho que ele tinha pego do ninho na época da queimada. Levou para casa e cuidou dele até que pudesse voar e ir embora para sua casa, a mata.

Passou de leve a pena macia na sua mãozinha e falou:

— Valha-me, rei

das aves.

Mas os céus não escureceram com as mil asas de todos os pássaros como tinha acontecido no conto de fadas.



A PALAVRA PODEROSA

Andriel franziu as sobrancelhas e achou que os pássaros não puderam vir porque a fumaça das fábricas os impedia de voar.

Procurou então um fio muito fino que guardava embrulhado. Era o pelo de um filhote de onça que os caçadores haviam tentado matar para vender o couro.

Andriel tinha cuidado dele e depois levado para o fundo do pantanal, onde viviam seus irmãos.

Brandiu no ar o pelo delgado enquanto dizia:

— Valha-me, reis dos animais,

Mas o sítio não se encheu do tropel de todos os animais. No sítio o silêncio era tanto que tentava entrar pelo ouvido de Andriel.

Tristemente ele se lembrou que poucas eram as matas e, os animais que restavam não podiam vir pelas estradas. Corriam o risco de serem mortos pelo povo das cidades.

O vento fazia as folhas e os passarinhos cruzarem o rio mesmo sem querer. Os pingos da chuva também eram levados pela ventania.

O velho Amis gritava com quantas forças tinha.

A menina Ade gritava a plenos pulmões.

— Amis, Amis.

— Ade, Ade.

Aí o vento que zigue-zagueava costurou os dois nomes. Juntou-os bem juntos.

Por toda aquela região o vento zunia nos coqueiros, nas piúvas, nos loureiros.

Deitava todo capinzal da beira do rio.

Uivando.

Repetindo.

Ecoando.

Juntando.

Unindo.

Ligando.

— Amis, Amis.

— Ade, Ade.

O vento vinha tão rápido. O vento, parece que vinha tomando embalado desde o início do mundo. Devia ser o mesmo vento que secou a terra depois do dilúvio.

Vento antigo.

Juntando.

Unindo.

— Ade.

— Amis.

No meio da fúria, o vento era suave como o vento da montanha do sermão.

O vento imitava todos os sons de uma orquestra. O vento era música. O vento cantava.

— Amis, Amis, Ade, Ade.

— Amis, Ade.

— AmisAde

— Amizade.

Era como um clarão de sol no meio da borrasca.

Zunia o vento.

Unia o vento os nomes.

— Amizade.

— Amizade.

Foi assim que a força dos ventos formou a palavra poderosa.

E a palavra poderosa despertou o poder do rio.

E o poder do rio era o minhocão.

O MINHOCÃO

O rio estava revoltado. As águas barrentas coroadas de espumas, quando um grande rebojo agitou as águas. Primeiro vieram folhas negras em decomposição. Seixos de um escuro luzidio, areia em convulsões.

Depois as águas incharam.

E surgiu o minhocão.

Tão rápido que não dava prâ ver o corpo inteiro. Num minuto já tinha sumido debaixo d'água, para surgir mais à frente.

O que surgia era a cabeça?

Era o corpo?

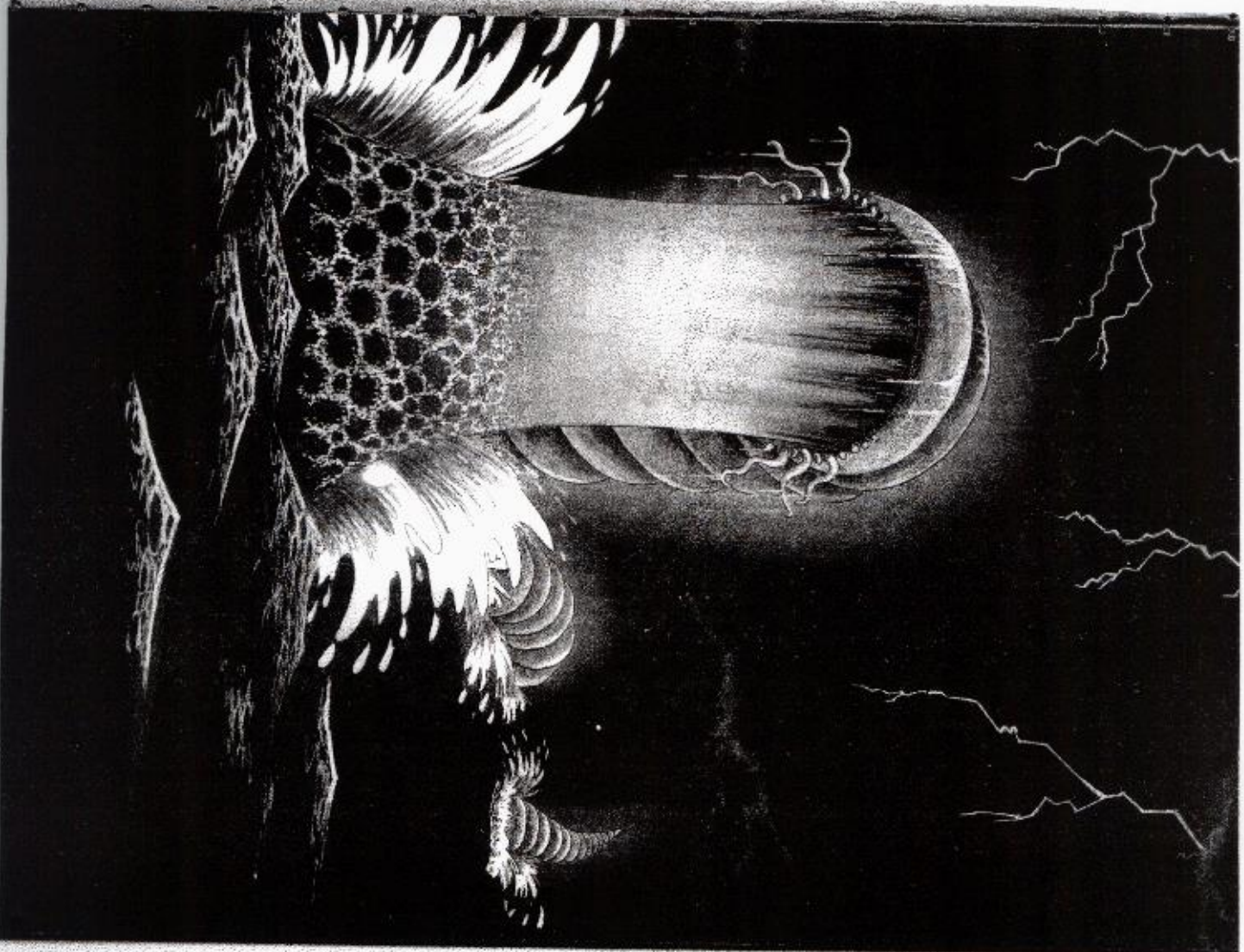
Era uma grande massa escura no meio da chuva. Carregada de toda a podridão do fundo.

Agora já não se sabia onde era o rio. Onde eram as margens. Relampejava.

Num minuto, Ade viu seus próprios pés, pois toda a água tinha desaparecido. No momento seguinte foi levada numa grande onda de encontro ao barranco.

A árvore de Amis entrou num grande redemoinho. Em seguida despedaçou-se de encontro ao leito seco do rio.

O minhocão tinha patas? Por uns grandes estrondos que se ouvia, parecia que sim. Mas era tanto ruído. Chuva. Raios. Trovões. A convulsão das águas. Ou seria sua cauda gigantesca espadanando água por todos



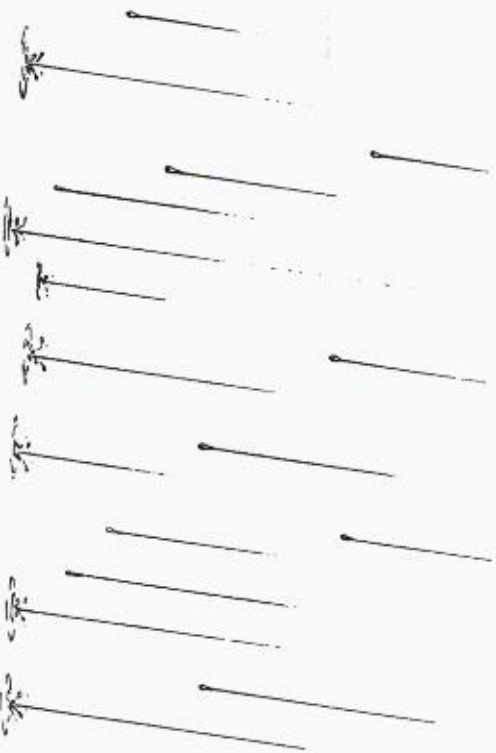
os lados que fazia aquele barulho infernal.

Ade tentou abrir os olhos cheios de lama. E o que viu foi o minhocão com sua bocarra cheia de baba dando o bote em sua direção.

O velho Amis, antes mesmo de conseguir se levantar, foi engolido de novo pelas águas.

Um segundo depois, o grande corpo do minhocão desaparecia na mesma direção.

Pouco a pouco, a água foi se acalmando e ficou só o barulho da chuva no escuro.



UMA FITA DE CABELO E UMA VELHA

Andriel não sabia o que fazer. Sentou-se no batente da casa para pensar. Afinal nada de mal devia ter acontecido. Era a primeira vez que ele ia ao sítio. Não conhecia as vizinhanças. Eles podiam estar em um retiro qualquer.

Resolveu apanhar uma vara de pescar. Com as águas barrentas devia estar dando muito bagre. E ele já estava com fome.

Quando chegou na beira do rio foi que viu os pedaços da canoa enganchados nos sarans.

E presa, numa ferpa da canoa, a fita de cabelo de sua amiguinha Ade.

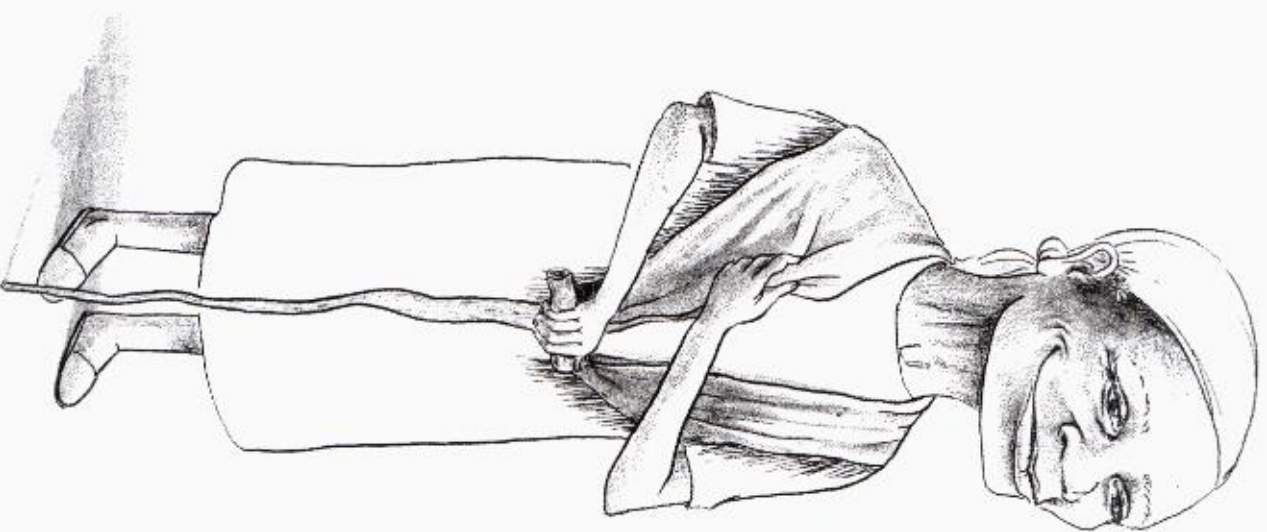
O cansaço e a fome, e agora a visão da fita da qual Ade nunca se separava, foram demais para o menino Andriel.

Sentado na beira do rio, com a cabeça entre os braços, ele chorou.

No início um choro forte. Depois os soluços foram se acalmando, acalmando. Até que por fim, mesmo com os olhos muito vermelhos, ele já era de novo Andriel, o menino que sabia pensar.

Era isso justamente o que ele estava fazendo quando ouviu uma voz atrás de si.

— Bom dia s' minino. O que você está fazendo sentado aí. Com essa friagem vai pegar de fluxo.



Era uma velhinha bem parecida com todas as velhinhas de estorinhas. Tinha bengala. Tinha xale. Tinha rugas. E andava um pouco encurvada.

Andriel levantou os olhos e olhou as rugas da velha. As rugas contavam a estória da velha.

Tinham as rugas dos olhos mostrando que ela gostava de rir. Tinham as rugas da testa mostrando as preocupações pelas quais ela já tinha passado. As rugas do canto dos lábios. E muitas outras rugas que davam a idéia ao menino Andriel de que ali estava uma velha muito boa.

Por isso, Andriel confiou na velha. Contou tudo para a velha e a velha conhecia Amis.

Juntando o que os dois sabiam, a história ficou quase inteira.

UMA VELHA, UMA VELA E UMA CUIA

A velha foi até um pé de cabaca e procurou uma do jeito que precisava. Pegou também uma vela virgem entre os guardados de Amis.

Cortou a cabaca ao meio, fazendo uma cuia. Acendeu a vela. Pingou a cera derretida no fundo da cuia e firmou a vela.

Rezando uma reza baixinha, tão baixinha que nem dava pra entender, levou a cuia devagarinho para o rio.

A cuia se afastou flutuando. Às vezes rápido, às vezes quase parando. Rodopiando. Conforme a correnteza do rio.

Andriel seguia com os olhos apertados e os lábios cerrados todo o ritual.

Era o ritual para encontrar os corpos dos afogados que o rio não queria devolver.

A velha entrou rápida e silenciosamente em uma canoa. Sem falar nada, Andriel pulou para a proa.

A velha ia consertando com o remo o rumo da canoa. De mais ou menos longe, eles iam seguindo a cuia com a vela.

Onde a cuia parasse, era aí que estariam os afogados.

O rio estava calmo, apesar de barrento. A velha remava sem nenhum ruído.

Assim foram descendo o rio. Três voltas em um

estirão. Barrancos. Praia e nada. Recolheram a cuia e recommearam rio acima. Acima das pedreiras. E nada.

A velha não mudava a cara. Colocava a cuia n'água sempre remoendo aquele palavório que não dava pra entender.

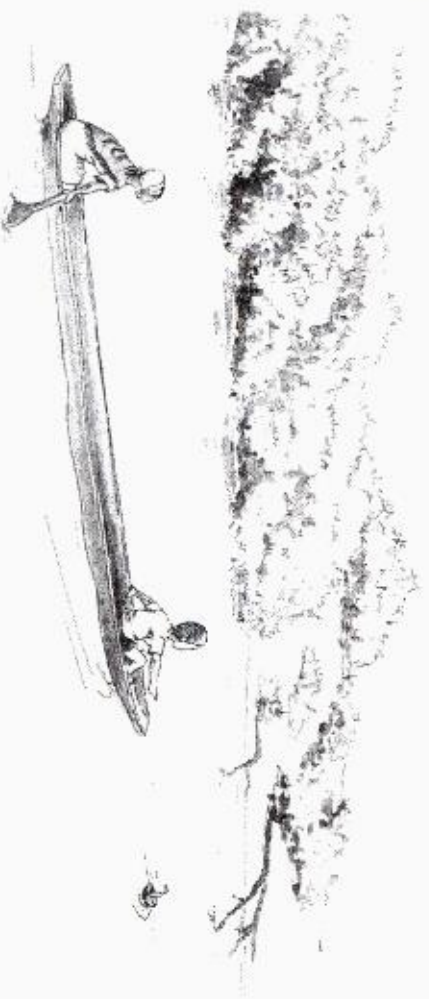
Lá ia a cuia com a vela acesa. Mais atrás, a canoa com o menino e a velha.

Uma curva. Duas curvas. E um estirão. Outra curva. Outra curva. Estirão.

Nenhum morador da beira dos barrancos saía na porta.

Até os biuás tinham sumido.

Depois de uma curva do rio, uma pequena cidade. Eles só viram a torre da igreja acima da mata. Os sinos estavam tocando. O que dava ainda mais tristeza.





PREPARANDO O BANHO

Na praia, perto d'água, os pés quase no molhado, o velho Amis e a menina Ade estavam deitados lado a lado. De mãos dadas. Não se mexiam. O corpo dos dois estava embrulhado numa espécie de gosma branca. Parecia algodão-doce e estava respingando gotas de orvalho.

O menino Andriel não sabia se abria ou fechava os olhos. Quis perguntar se eles estavam mortos mas o olhar da velha disse que não.

— Vamos, vamos. Não há tempo a perder.

A velha agora estava alvoroçada. Juntava gravetos como quem vai fazer uma fogueira.

— Quero tudo isso. Rápido.

E foi enumerando uma lista enorme de ervas, raízes, flores e frutas que o menino Andriel repetia em voz alta para guardar.

- Canela de erna.
- Canela de ema.
- Boldo.
- Boldo.
- Picão.
- Picão.
- Carqueja.
- Carqueja.



Aí apareceu uma grande praia. Deserta. Só de longe um casal de quero-queros.

A cuia começou a rodar mais lento, a rodopiar. depois entrou na correnteza rasa. Raspou no fundo, apagando a vela.

O menino Andriel olhou para a velha. E a velha olhava para a praia.

- Flor de piúva-amarela.
- Flor de piúva-amarela.
- Flor de piúva-roxa.
- Roxa.
- Flor de tarumã.
- Tarumã.
- Louro branco.
- Louro branco.
- Louro preto.
- Preto.
- Casca de cambará.
- Cam-ba-rá.
- Seiva de figueira.
- Seiva de figueira.
- Decorou?
- Decorei.
- Repete. Rápido. Isto. Agora zune daqui. E só volta com tudo. Senão, não adianta. Vai. Não se esqueça dos pés de marcela. Dos raminhos de saran. Pegue aquele ninho de japuira que é pra botar tudo dentro.
- O menino saiu feito azougue. Corria e repetia pra não se esquecer.
- Suco de mangava.
- Coroa de frade.
- Marmelo.
- Mas não ia dar tempo.
- Andriel tentou correr mais ainda quando sentiu que flutuava. Levado por redemoinho.
- Se segura, guri.

- Foi assim que com a ajuda do saci e seu redemoinho, Andriel conseguiu tudo o que a velha pediu.
- A velha cozinhou tudo num grande caldeirão de cobre que tinha comprado de uns ciganos.
- Depois despejou tudo em cima de Amis e Ade.
- Sempre recitando aqueles versos esquisitos.
- O casulo endureceu. Ficou feito vidro.
- Aí ela sentou-se de cócoras. Acendeu o pito e esperou.
- Pelos céus passavam bandos de garças. Às vezes de tuiuiús. Alto. Bem lá no alto.
- Quando o sol foi esquentando, ouviu-se um barulhinho. O casulo de vidro foi trincando, trincando, trincando, até que ficou inteirinho estilhaçado. Depois começou a estalar, est'ar...
- Amis e Ade se levantaram espreguiçando.
- Porque é que estou com esse cheirinho de chá de ervas?
- Menina perguntadeira, você não tem jeito.
- E foram todos para o sítio.
- De carona num carro de bois, cujas rodas rangiam o tempo inteiro.

O TOURO AZUL

O carro ia pela picada sem pressa nenhuma. As patas dos grandes bois faziam barulho quando entravam e saíam da água, pois o caminho já estava todo alagado.

As nuvens continuavam se juntando. O tempo das chuvas tinha começado pra valer. As baías logo, logo estariam se ligando ao rio pelos sangradouros. Os pequenos córregos, antes só uma poça aqui, outra ali, já corriam como se nunca tivessem secado.

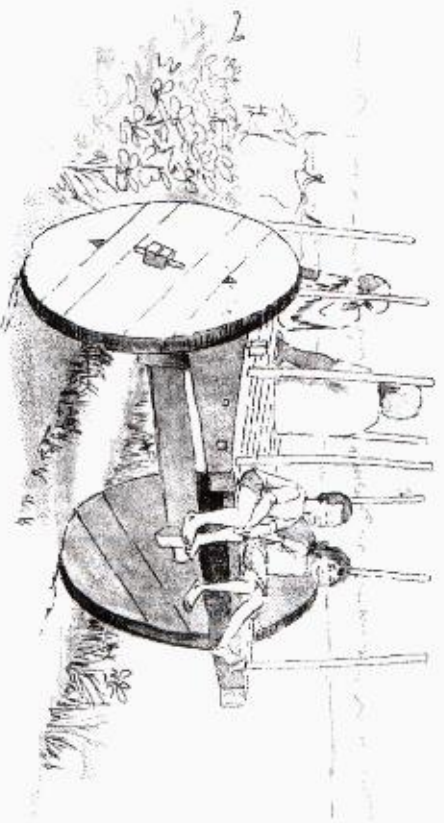
Onde era campo seco, agora era a grama mais verde do mundo. Árvores secas parecendo mortas agora estavam cheias de folhas novas. O barro duro virava lama. A lama virava poça d'água. Virava lagoa. Virava corixo. No meio daquela água doce, pra onde corria a água?

Só a gente como Arnis e a velha podiam saber. De tanto verem o mundo mudando. Seca. Chuva. Enchente. Vazante. Seca. E de novo. Tempo das águas. Tempo da seca. Tempo...

Os velhos confabulavam. E não estavam tranquilos. E por isso Andriel e Ade se entreolhavam.

Afinal, chamaram as duas crianças. Acontece que estava enchendo muito rápido. Daí a pouco o cerrado dos caminhos que se cruzam estaria inundado. E Ade e Andriel não poderiam voltar para suas casas.

Viram a velha pôr as mãos sobre a cabeça do velho



Amis, que de olhos fechados, deu um assobio. Um assobio tão forte que Andriel e Ade taparam os ouvidos. Vindo então não sei de onde, chapinhando e espalhando água no seu galope, surgiu um enorme touro azul.

Imenso. Luzidio. Bufando.

— Subam, gritou o velho Amis.

Ade quis abrir a boca e perguntar se a enchente ia alcançar o sítio.

— Rápido, emendou a velha.

Subiram então no lombo do enorme touro que pisoteava sem parar a água.

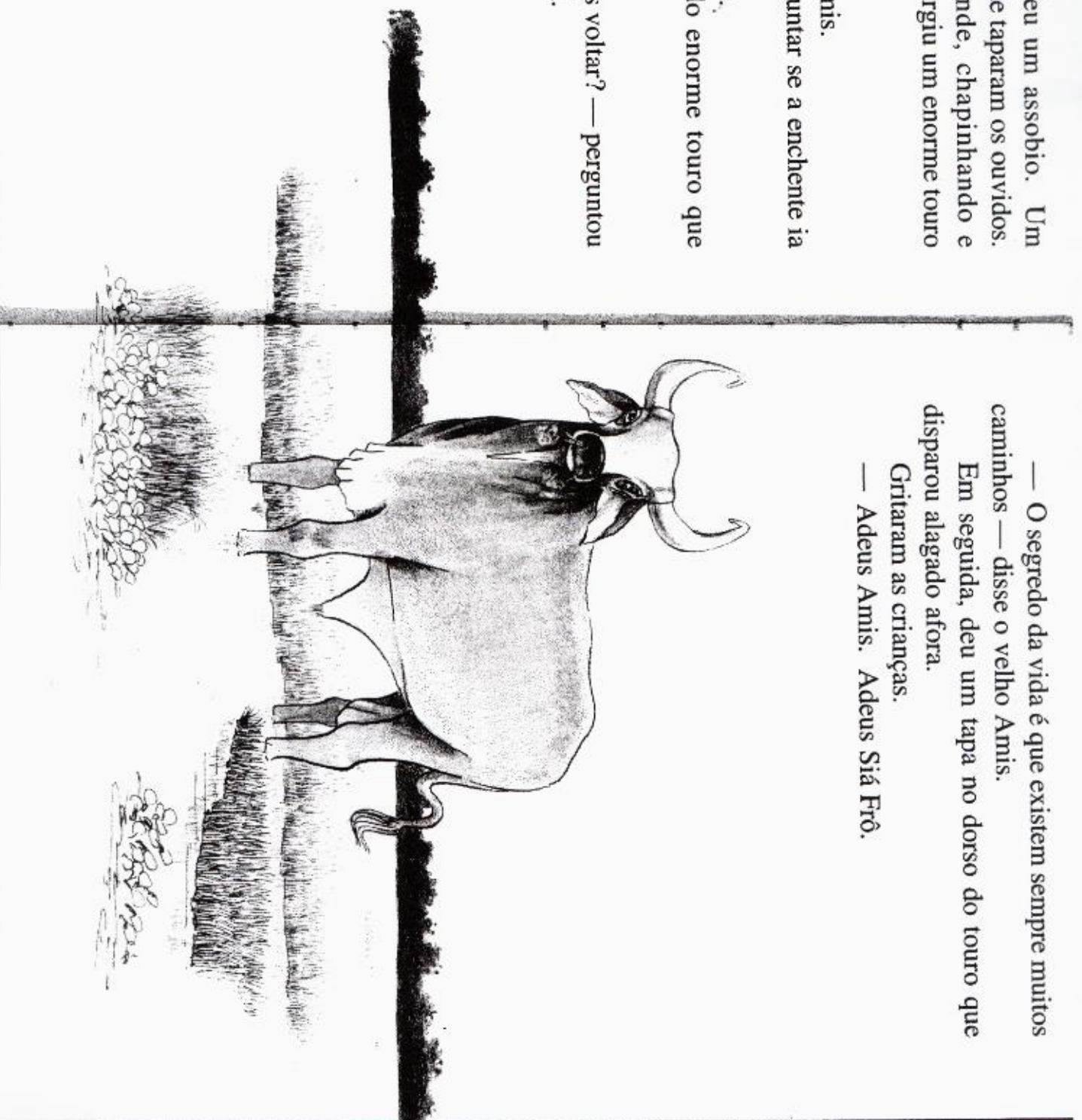
Ade não resistiu.

— Mas como conseguiremos voltar? — perguntou Ade Agarrada à cintura de Andriel.

— O segredo da vida é que existem sempre muitos caminhos — disse o velho Amis. Em seguida, deu um tapa no dorso do touro que disparou alagado afora.

Gritaram as crianças.

— Adeus Amis. Adeus Siá Frô.



UMA MANEIRA SIMPLES DE VOAR

Andriel e Ade estavam agora andando por uma estrada. A estrada estava seca, embora atravessasse muitos campos e cerrados alagados. Jacanãs faziam pequenos vãos sobre as plantas d'água. Olhando bem não seria difícil de encontrar as costas de jacarés confundindo-se com os velhos troncos.

— É por causa da indiferença do velho tronco que está tão triste o jacaré?

Andriel olhou sorrindo para a sua amiga Ade. Será que ela nunca deixaria de ser tão perguntadeira?

Lá longe, muito longe, uma estreita faixa verde talvez indicasse a beira do rio.

Mas era impossível saber de onde o touro azul trouxera. Um relâmpago desenhou no céu uma árvore prata. Andriel contou devagar até dez como havia aprendido. Então pontualmente veio o trovão.

Bandos imensos de garças, brancas como ingás, voavam baixo sob o céu nebuloso.

Gaviões castanhos, de olhar decidido montavam guarda nos galhos mais altos das piúvas.

Preás e jaós cruzavam a estrada apressados.

Andriel e Ade tiveram que parar para esperar que uma enorme sucuri atravessasse lentamente a estrada.

Por perto, cantou triste a seriema.

— Andriel, será que um dia voaremos ao sítio?

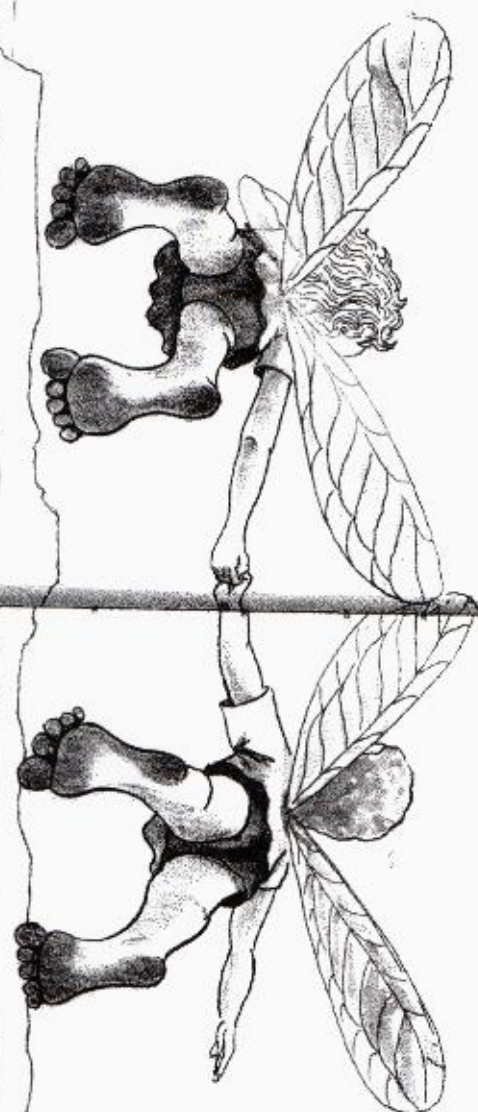
— Você não ouviu o que o velho Amis falou? Ade ia responder quando viu duas pequenas asas. Asas de cigarra. Asas de libélula. Translúcidas. Nem dá pra explicar. O fato é que duas pequenas asas, furtivas, cresciam das costas de seu amigo Andriel.

Andriel viu o seu olhar e não disse nada. Porque ele também via duas asas iguais vibrando nas costas de sua amiga Ade.

Soprava um ventozinho quase frio, Ade e Andriel não sentiam medo. Não sentiam nem mesmo cansaço.

Deram-se as mãos, então.

E seguiram caminhando de mãos dadas, que é uma maneira muito fácil de voar.



AUTOR E OBRA



Estou muito contente por vocês terem em mãos o primeiro livro que escrevi. Vocês vão dizer: "Mas este não é o primeiro, eu já li "Mamãe, sonhei que um menino de rua" e também "A Fábula do Quase Frito". É verdade: esses livros já foram publicados. Mas "Uma Maneira Simples de Voar" foi escrito antes. Muito, muito antes.

Livros são como as pessoas: cada qual tem sua história. Ia escrever uma historinha bem curta, só com Amis e Ade. Mas, aí o Andriel me soprou no ouvido: "Eu também quero entrar nessa história. E o livro foi crescendo.

O título surgiu também de uma forma curiosa. Numa noite chuvosa de São Paulo, eu e meu primo Fernando

conversávamos sobre amizade e sobre distância. Tínhamos lembrado do verso do poeta Drummond: "Não nos afastemos muito. Vamos de mãos dadas", quando um de nós falou: (quem? Eu ou ele? não me lembro, nem importa). "De mãos dadas é uma maneira simples de voar". Foi assim que ganhei o título e a maneira de terminar o livro.

Ah! Mas, a história deste livro é longa.

Convidei Marcelo Velasco para ilustrar o livro. E foi uma grande aventura.

Foi um tal de ir a Bom Sucesso para fotografar carro-de-boi. Comprar globo rural para decidirmos qual seria a cara do touro azul. Descer o rio Cuiabá de barca fotografando. Montar aquário pra ver os detalhes dos movimentos dos peixes.

E da prancheta de Marcelo iam saindo lindas paisagens mato-grossenses, que ele tinha tudo guardado dentro do coração.

Mas, como publicar? Outra aventura. Nem sabíamos por onde começar.

Aí, surgiu um concurso. Ganhei com o privilégio de ter sido julgado pela crítica literária Yasmim Nadaf, pelo teatrólogo Chico Amorim e pelo arte-educador Maurício Leite.

Ganhei mas não levei. O meu livro não foi publicado. Ficou dormindo numa gaveta por muitos anos. E isso é a pior coisa que pode acontecer a um livro.

Agora chegou a hora. Ade e Andriel não aguentavam mais de tanta vontade de conhecer vocês. Amis e Siá

Frô ficavam rindo das crianças, mas estavam tão ansiosos quanto elas.

E o Sítio continua lá. Apareça. Se você já cresceu não tem problema. Segure na mão de uma criança que, claro, ela sabe o caminho.

Ivens Cuiabano Scalf

ANEXO II

EL E ERA DE OUTRO MUNDO

Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um... pronto, fim da contagem regressiva, não para decolar, mas sim para aterrissar na história deste livro.

Certa tarde, quase de noite, algumas crianças brincavam na rua, em frente de suas casas.

De repente, desceu na roda um ser esquisito, causando susto e reboiço. Foi logo se mostrando cheio de segredos e novidades. Quem era ele? De onde vinha? O que queria?

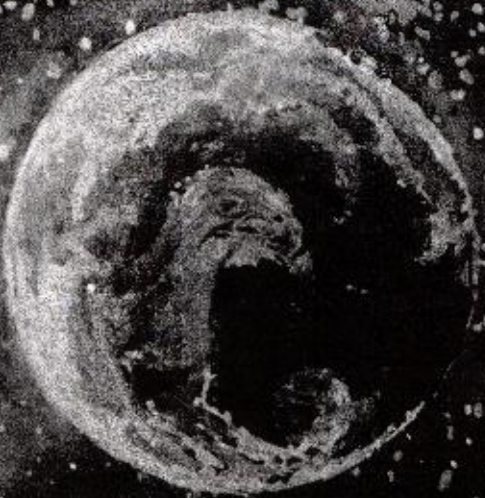
As crianças da história conseguiram descobrir alguma coisa. E você? Que tal tentar?

TempoPresente
e d i t o r a

Patrocínio:



Lucinda Nogueira Persona



EL E ERA DE OUTRO MUNDO



Ipoo Cultural:

IPOO CULTURAL
TEMPO DE ACESSO
Secretaria de Estado de Cultura
de Cultura - Nas Cidades
em 2000 e 2001

Lucinda Nogueira Persona

EL FERIA DE OUTRO MUNDO

Ilustrado por:

Wander Antunes

TempoPresente
c d i t o r a



A Casa do Leitor
Compra, vende e troca livros, CDs e DVDs
Rua Pedro Celestino, Nº 88 - Centro - Onda - MT
Fone: 3624 - 0407 / Fax: 3623 - 2634

Copyright © 1997 by Lucinda Nogueira Persona
s os direitos reservados, inclusive os direitos de reprodução no todo ou em
parte em qualquer forma

Coordenação editorial:
Ivens Cuiabano Scaff
Wander Antunes

Editoração Eletrônica:
Heliana Costa

Catálogo na Fonte: Biblioteca Central UFMG

Persona, Lucinda Nogueira
P467e Ele era de outro mundo / Lucinda No-
gueira Persona; ilustrado por Wander
Antunes. --Cuiabá: Tempo Presente, 1997.
26p.: 11.

CDU-869.0(81)-93

Índice para catálogo sistemático

1. Histórias infantis-Literatura Brasileira
2. Literatura infanto-juvenil-Cuiabá (MT)

1997

Todos os direitos desta edição reservados à

TempoPresente
e d i t o r a

Com carinho dedico:
À minha mãe, a primeira a me ensinar
a ler e a passear no mundo do "Era
uma vez..."
Ao meu pai, sempre encantado com o
firmamento e para quem a descoberta
de vida extraterrestre é apenas uma
questão de tempo.

“Perdoai-me chegar tão leve,
eu, passageiro
dos céus, de límpido vento”.

Cecília Meireles

DEZ

Foi na hora do pôr-do-sol.

O céu estava cinza-azulado e, céu afora, os milhares
de astros giravam

Uns, com brilho deslumbrante, como Vênus, e outros
nem tanto.

Tudo parecia quieto através do universo. Tanto
espaço e nenhum barulho.

Nenhum barulho?

Puro engano, pois num planeta distante, alguém triste
tocava lira.

Parecia uma criança, pelo tamanho que tinha. Tocava
lira e cantava, com a voz entrecortada, o desejo de ter
amigos. O lamento ia e vinha.

Ai, como era grande seu sofrimento, naquele mundo
tão frio, que nunca respaldava.

E, foi tocando e cantando, para achar consolação.
Por fim, já meio cansado, aquele ser esquisito largou o
belo instrumento e se postou na janela.

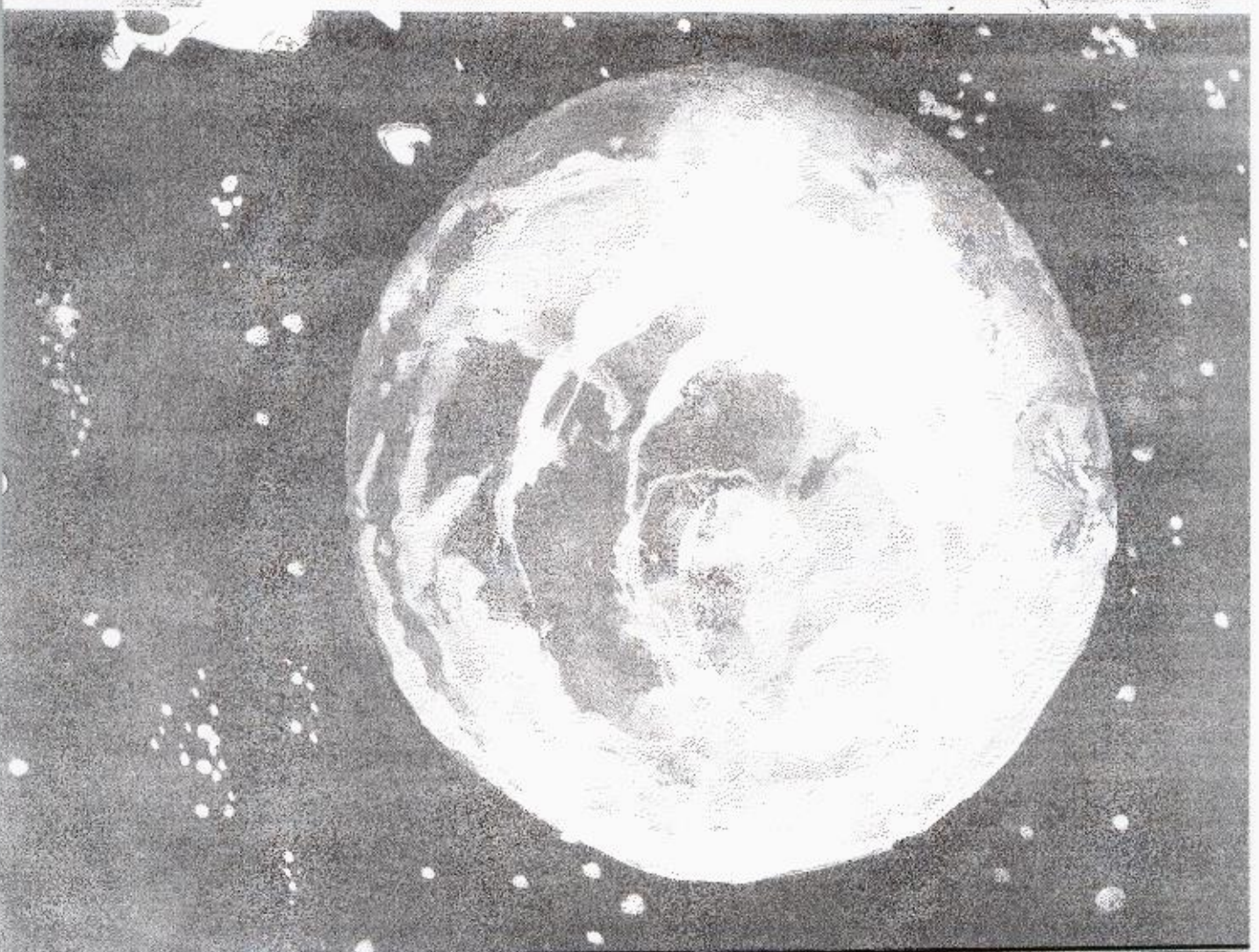
Girando seus olhos, vermelhos como rubis,
pesquisava todo o espaço.

De suas escuras pupilas saíam dois raios fininhos
com potência para as distâncias. Ele via muito longe, cada
astro em sua órbita, cada esfera em seu caminho. Até que
em certo momento deparou com o nosso planeta, nossa
velha Terra azul, vestida de algumas nuvens.

Foi amor à primeira vista, o que a criatura sentiu pela
grande bola de gude.

E para cá se dirigiu. Escolheu uma parte qualquer no
meio de uma cidade, também escolhida ao acaso.

Havia uma rua fantástica, coberta por roxa poeira,
onde meninos e meninas cantavam numa roda.



NOVE

Que ciranda mais bonital!

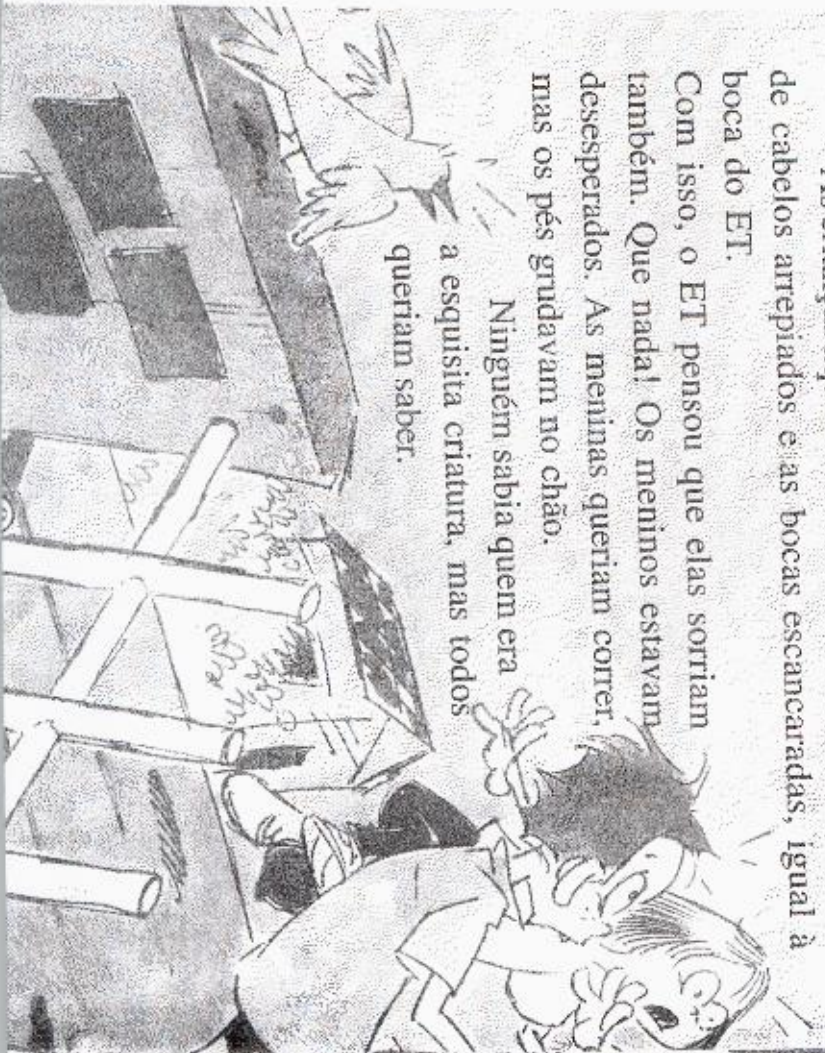
E o pequeno de outro mundo, totalmente fascinado, piscou três vezes seguidas a luz que tinha na testa e, em menos de um minuto, mais leve do que o vento, pousou na Terra sorrindo. Um amplo sorriso estranho, redondinho, redondinho, feito a esfera que se faz com o fundo da garrafa, ou então com a boca do copo.

E foi um Deus-nos-acuda, quando ele desceu na roda.

As crianças aqui da Terra se assustaram como nunca, de cabelos arrepiados e as bocas escancaradas, igual à boca do ET.

Com isso, o ET pensou que elas sorriam também. Que nada! Os meninos estavam desesperados. As meninas queriam correr, mas os pés grudavam no chão.

Ninguém sabia quem era a esquisita criatura, mas todos queriam saber.

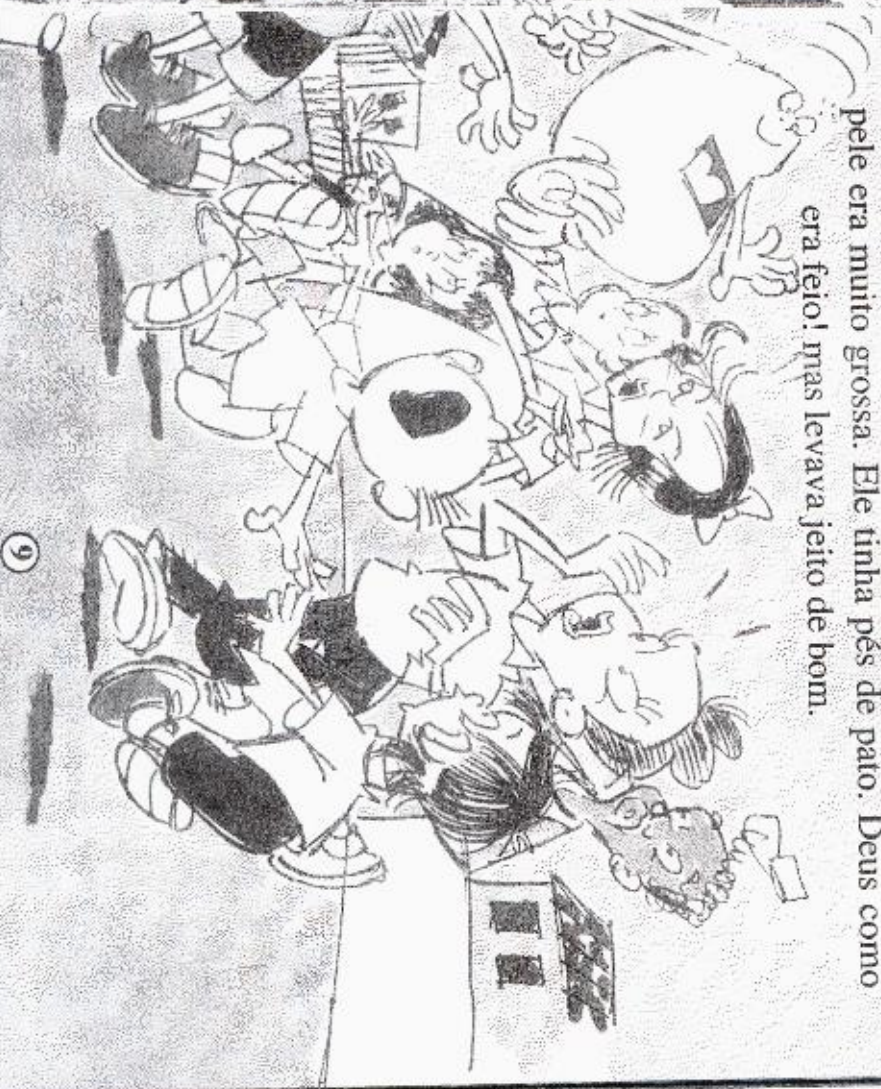


OITO

E assim se passou algum tempo. A tarde desapareceu de mansinho.

De mansinho, a noite se abriu como um grande guarda-chuva, todo pintado de estrelas.

O ET seguia sorrindo com sua boca redonda. Ai, ai, ele não tinha nariz, ou melhor, no seu lugar existiam dois buraquinhos semifechados por uma espécie de peneira. Além de tudo era careca. Seu corpo parecia um balão e a pele era muito grossa. Ele tinha pés de pato. Deus como era feio! mas levava jeito de bom.





SETE

Pouco a pouco, os corações se acalmaram em torno daquela figura, quase igual assombração, caída de alguma fábula, para alguma travessura.

Os meninos e as meninas pediram timidamente que o ET se apresentasse.

Era fêmea ou era macho? Embora estivesse nu, de sexo nada se via.

O que queria, de onde vinha?

Seria de Mercúrio ou de Vênus? Quem sabe viera de Marte?

Talvez fosse de Júpiter, Saturno? Poderia ser de Urano, Netuno ou Plutão? Ou não era de nenhum desses planetas do nosso sistema solar?

O extraterrestre, admirado com tantos nomes, começou a cantar para as crianças da Terra, de olhos esbugalhados.

Cantou com voz de algodão seu canto entarazelado, que não vinha da garganta, mas vinha de um bom lugar em forma de coração, que se via através do peito por uma janela de vidro.

E assim cantou o ET:

— Não tentem adivinhar de onde venho, nem o que sou. Quero amigos e alegria. Quero acabar minha pena de ser um menino sozinho, carregado de poderes, numa galáxia distante. Quero encher a minha vida, há mais de mil anos vazia.





SEIS

Os meninos e as meninas, de mãos dadas, foram rodando em torno da diabrura.

Cada um dizia um nome, sempre o nome mais incrível, e nem mesmo perto chegavam do nome do alienígena. Nem do mundo de onde vinha.

E o ET cantava mais com sua voz de algodão:

— É difícil descobrir o que sou e o que faço. Tenho mil cores e enredos.

Sou alegre, sou tristonho. Mas vou guardar meu segredo. Vai ficar atrás de um sonho de qualquer um de vocês.

Com isto, as crianças estacaram como estátuas desenxabidas, pois coisa que ninguém gosta é de caso não resolvido.

CINCO

As meninas, com certo receio, chegaram devagarinho para ver de perto o ET, ou talvez para um carinho.

Mas que susto elas levaram!

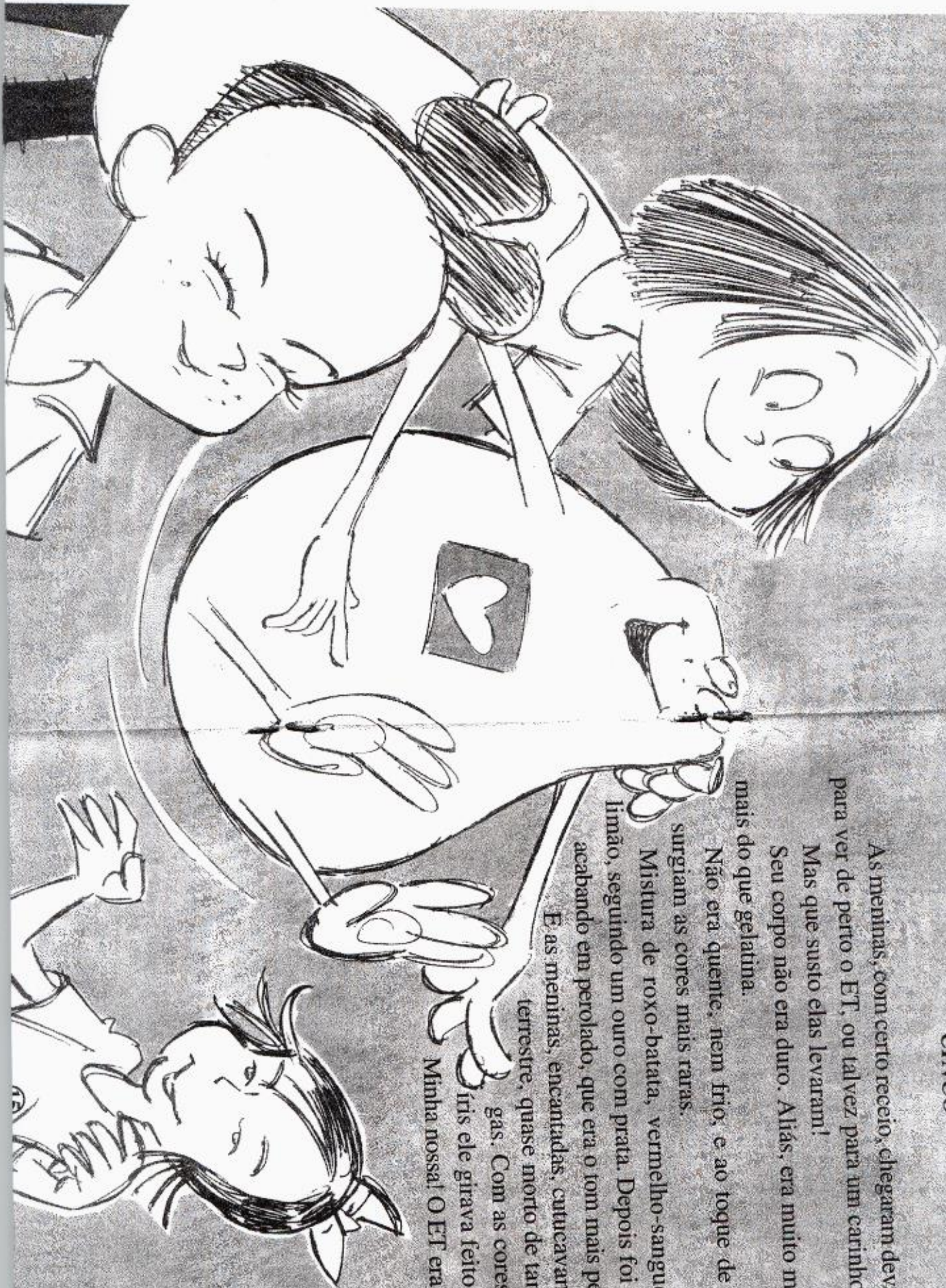
Seu corpo não era duro. Aliás, era muito mole, bem mais do que gelatina.

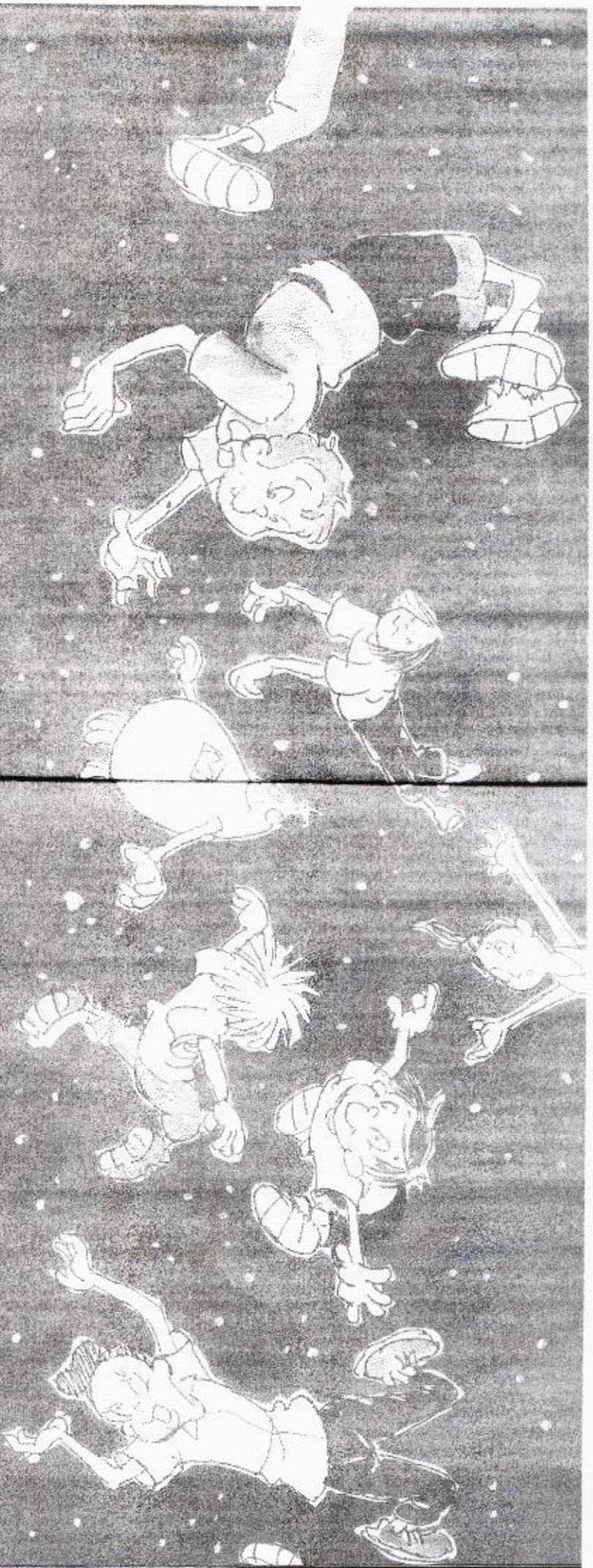
Não era quente, nem frio, e ao toque de sua pele surgiam as cores mais raras.

Mistura de roxo-batala, vermelho-sangue, verde-limão, seguindo um ouro com prata. Depois foi azul real, acabando em petrolado, que era o tom mais persistente.

E as meninas, encantadas, cutucavam o extraterrestre, quase morto de tantas cócegas. Com as cores do arco-íris ele girava feito pião.

Minha nossa! O ET era liúnnndo!





QUATRO

A noite corria depressa. Era hora de dormir, de acabar a brincadeira:

O ET, meio choroso, foi cantando a despedida de docer por toda vida.

E junto com seu adeus fez um conxixe danado aos seus novos amiguinhos:

— Venham, venham. Vamos voar. Conhecer a minha casa, o meu povo e o meu céu. Venham morar comigo. Podem vir todos, vocês.

Dito isto, o ET levantou um braço e de seus dedos

compridos surgiu uma luz que piscava. Sua mão parecia uma estrela.

Em menos de um segundo, os meninos e as meninas flutuavam no espaço a cinco metros do chão. E foi outro Deus-nos-acuda.

Enquanto os meninos piscavam com aquela maravilha, as meninas desmaiavam.

O ET não desistiu de convencer as crianças. Devolveu todos ao solo.

Prometeu-lhes mundos e fundos e trazê-los de volta, quem sabe, pela época de Natal. E o Natal estava bem longe.

TRÊS

Fez-se então um certo clima. Os meninos tubbearam. Um olhava para o outro.

As meninas disseram NÃO!

Quem é que se arriscaria, por esse universo sem fim, a acompanhar um ET?

E se ele não voltasse, por uma ou outra razão? E como explicar a todos, amanhã chá de simício?

— Meninos vocês não vão! — repetiram num grito as meninas.

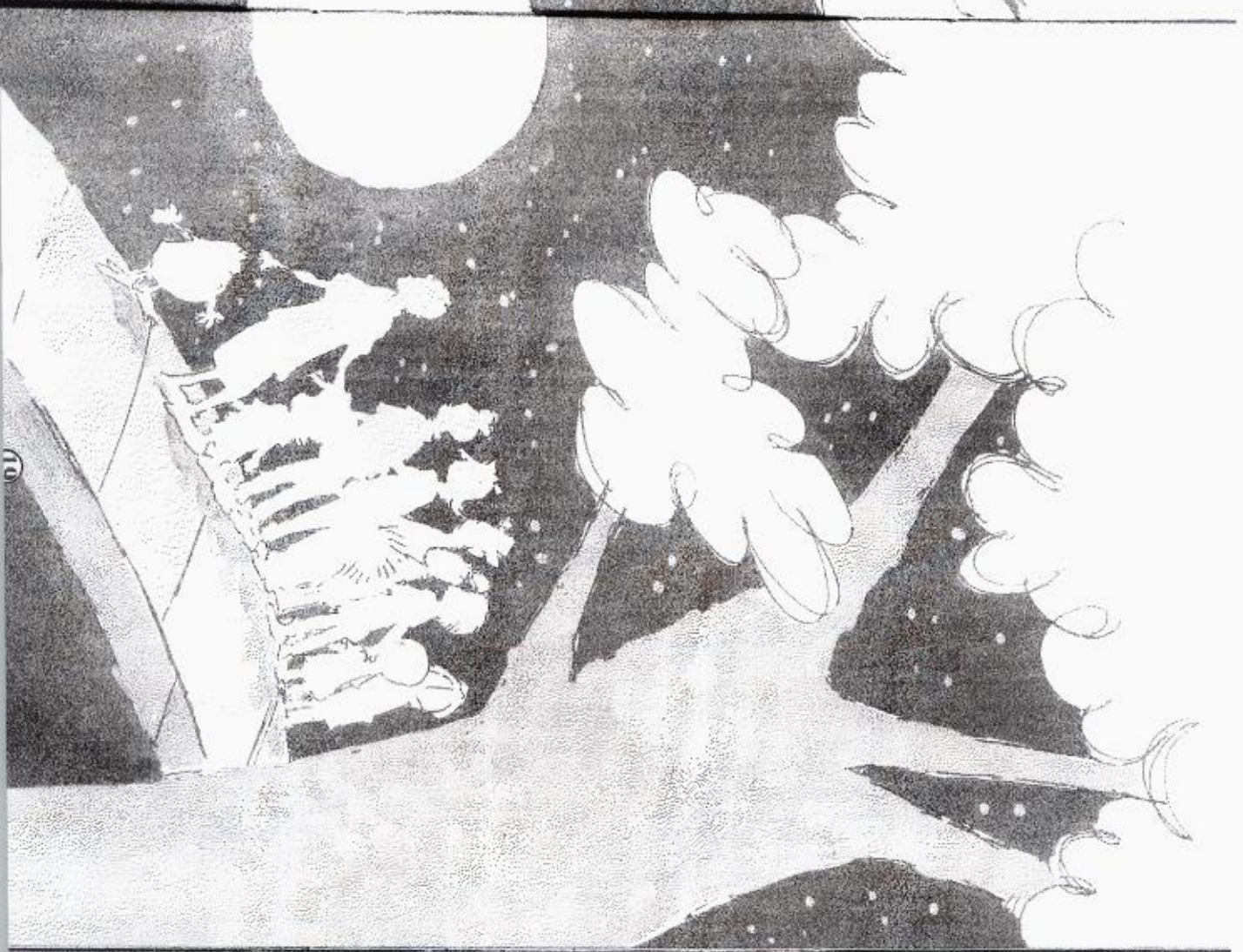
Transcorreu mais algum tempo de indecisão e angústia.

Os meninos bem que queriam. As meninas, de modo nenhum.

O ET foi insistindo: — Juntem-se a mim, — prometendo alguns tesouros e até alguns poderes.

Ofereceu uma casa imensa, repleta de video games, um palácio de brinquedos, mais um rio de chocolate. Jurei um monte de coisas boas para quando voltassem a Terra.

— Dou meu reino por um amigo! — chorava o desengaçado. E de seus olhos vermelhos, verdes lágrimas caíam.



POIS

A noite deu fôlego, suspiro e a luz se renovou toda cheia de impaciência. Uma grande lua cheia.

Um vento frio correu de repente, trazendo o perfume das fadas.

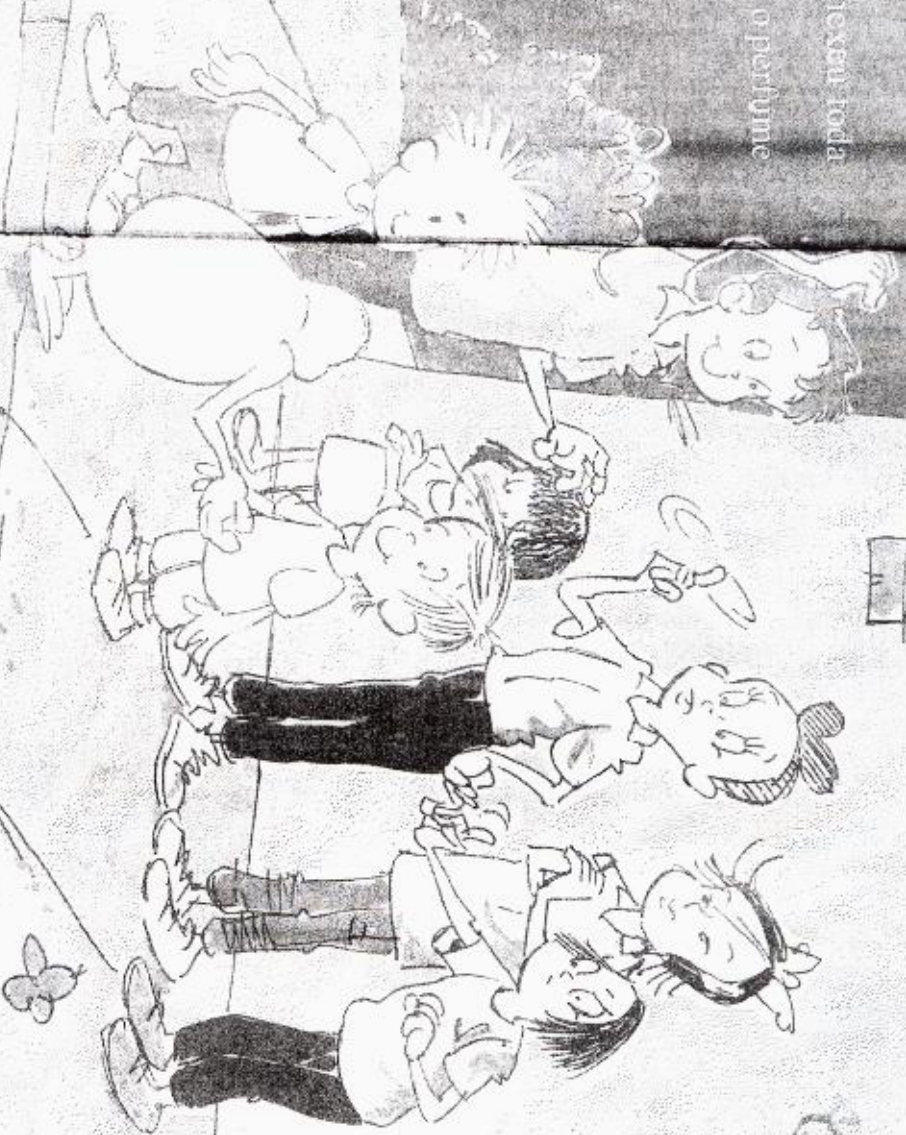
O ET esperava a resposta. Os meninos

à beira do sim. As meninas em cima do não, pisando com toda força. Era meninas danadas!

Muito sérias se entreolharam, e como se recitassem um velho conselho de avós, cantaram todas em coro:

— Meninos não sejam tolos. Vocês nasceram na Terra, cada um com sua vida, cada um com seu destino. E com seu corpo mortal.

— Meninos tomem cuidado com tudo que chega fácil. Estimem o jeito que são. Meninos não mudem pro espaço. E as meninas cantaram mais, desta vez para o



extraterrestre:

— ET preste muita atenção. Amizade não se compra, afeto se troca com afeto e pode ser à distância.

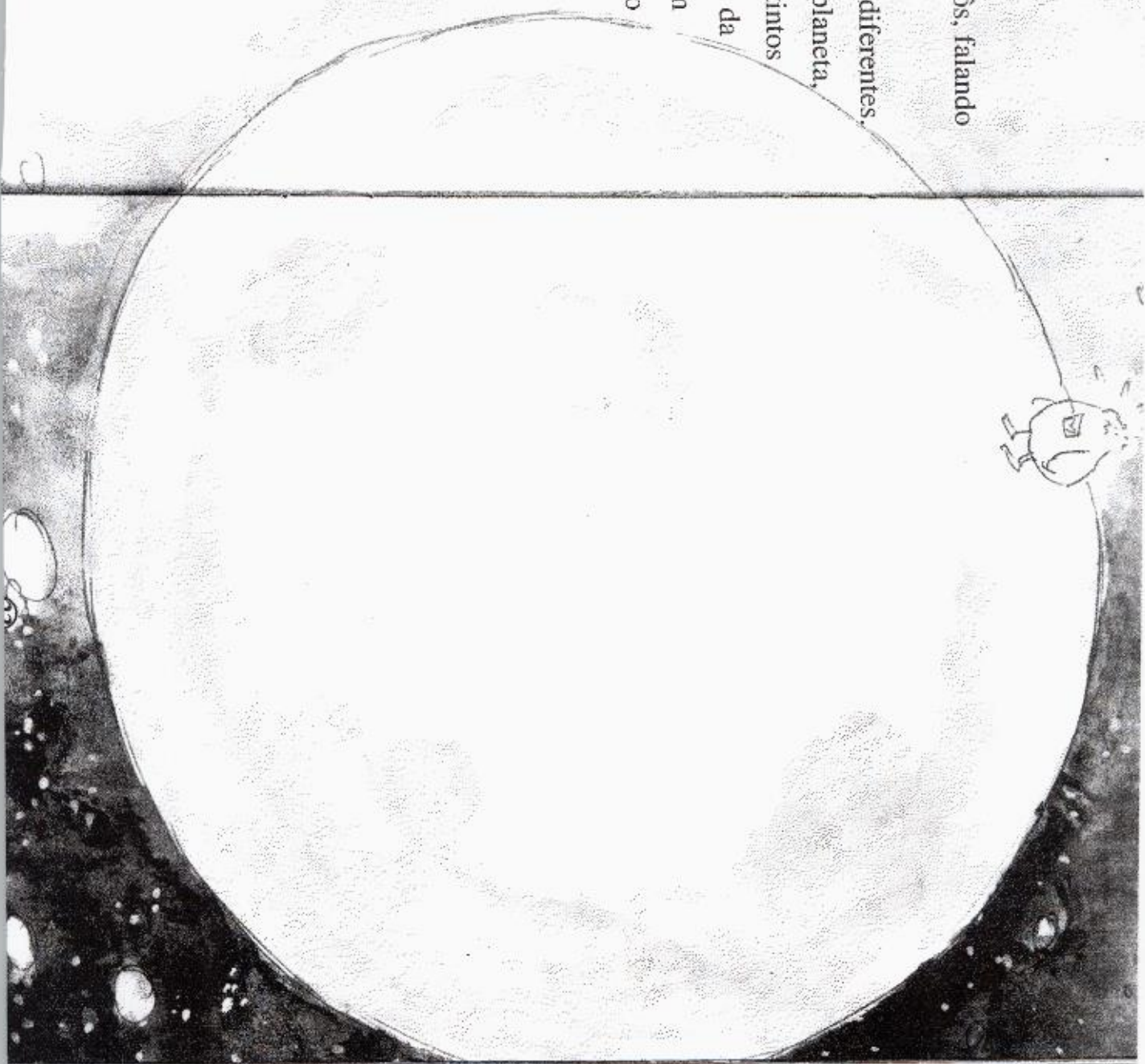
Nesta altura da canção, os meninos já estavam murchos, concordando com o discurso. O ET muito assombrado com toda aquela verdade palpitava como estrela e chiava como um grilo. Deste jeito ele chorava.

UM

Foi-se o tempo pelos ares.

Já bastante conformado, o ET se recompôs, falando suavemente:

– As meninas têm razão. Temos mundos diferentes. Não posso pedir que venham ao meu inerte planeta, onde as flores não existem e os bichos foram extintos há mais de um milhão de anos. Meu mundo é da cor da névoa. Circulamos como sombras em labirintos de vidro e o vento enlouqueceu batendo nos muros de zinco.



— Ai que lugar mais estranho! — cantaram juntinho as
meninas. Os meninos apenas piscaram, curiosos com
aquele mundo que se perdia na farinha das nebulosas.

— Agora sigo pra casa, que é tarde para os da Terra.
Eu amo todos vocês e posso voltar outro dia. Adeus, adeus!

— choramingou o ET.

Muito devagarinho, como quem não quer partir, ele
foi se preparando. Cruzou os braços no peito e pressionou
dois botões, um de cada lado dos ombros.



Bastou isso para rodar velozmente, num pequeno turbilhão, projetando-se como um raio no sem-fim do universo.

Cá embaixo, boquiabertos, cinco meninos e cinco meninas ficaram olhando pro céu.



AUTOR E OBRA

Olá, amiguinho!

Que bom você ter dado uma olhada aqui nesta página.

Assim poderá ler o que escrevi especialmente para você.

Primeiro preciso dizer que estou adorando falar um pouquinho sobre este livro. Sabe por que? A autora é minha tia.

Tia Lu sempre gostou de ouvir e de contar histórias. E aconteceram coisas fantásticas na sua vida. Quando ela era criança e tinha uns oito anos viu, por duas vezes, objetos luminosos no céu. Outros que também viram foram logo achando que eram discos voadores. Será que eram mesmo?

Talvez por isso ela tenha escrito agora sobre um Extraterrestre que desceu na Terra, numa roda de crianças. Que susto!!!

Eu sei que sou suspeita para falar, mas amei a história. Espero o mesmo de você.

Aproveitando a oportunidade, deixo-lhe uma mensagem: leia muito, a vida inteira!

Adriana Candida Albuquerque Nogueira
11 anos, 6ª série



Minuet Guimarães

